

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ANNA CLARA DE MELO SANTOS

**A mudança de paisagem urbana em São Miguel Paulista a
partir da Companhia Nitro Química Brasileira**

São Paulo
2025

ANNA CLARA DE MELO SANTOS

**A mudança da paisagem urbana em São Miguel Paulista a
partir da Companhia Nitro Química Brasileira**

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, da
Universidade de São Paulo, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Maria Mónica
Arroyo

São Paulo
2025

Para aqueles que vieram antes de mim e aos que virão depois. Aos meus avós paternos e maternos, e à tia Cedy, de quem já sinto saudade.

AGRADECIMENTOS

Escrever sobre São Miguel é escrever sobre a minha história, sobre a história dos meus irmãos, dos meus pais e dos meus avós; sobre a nossa história e de grande parte dos moradores do bairro, que são descendentes daqueles que migraram, então, a esses, pela coragem e necessidade em meio ao desconhecido.

Gostaria de agradecer principalmente à minha orientadora, Professora Mônica Arroyo, que sempre se mostrou disponível e paciente as minhas dúvidas, não só durante a orientação do TGI, mas durante toda a graduação. E também a todo o corpo docente do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, com quem aprendi o que é Geografia e sempre levarei comigo esse aprendizado, como Geógrafa.

Agradeço também pelo apoio incondicional da minha família, meus pais, Marcos e Maria, que sempre me incentivaram a estudar, a ser uma pessoa curiosa e que me fizeram acreditar que eu posso conquistar tudo aquilo que almejo, desde que eu vá atrás. Aos meus irmãos, Cynthia e Marcos, que representam o meu alicerce, meu porto seguro, que eu tenho a total certeza que se precisar, posso contar com eles, obrigada por serem ótimos irmãos mais velhos. Ao meu cunhado e a minha sobrinha, Samuel e Maria Luiza, por serem tão fundamentais nesse elo familiar e por serem vocês.

Pela caminhada, bares, discussões e pela construção do meu ser, como amiga e admiradora dos nossos sonhos, agradeço aos meus amigos, que tanto escutaram nesses anos de cumplicidade. Ao meu amigo Caique Juan, por me acompanhar e ouvir minhas angústias desde o primeiro ano do ensino médio, você foi e é fundamental. Ao grupo das meninas, que mesmo sendo tão diferentes, somos tão parecidas, Shirley Ramos, Josiane Gomes, Kamyille Gomes, Helena Antunes e Nicolly Pinheiros. À Gabi Cautterucci, pelas conversas sobre tantas coisas, mas que fazem tanto sentido para nós. À Carol Fernandes, que me apoia e acredita em mim mais do que eu mesma, te agradeço muito. Ao Guilherme Machado, por poder dividir minhas angústias sobre ser zona leste numa zona oeste. Ao Kaique Menezes, por ter sido tão companheiro desde o meu primeiro dia de aula e por compartilhar comigo a angústia da escrita. À Fernanda Portaro, que mesmo em meio à correria

sabemos que sempre estaremos aqui, apoiando uma à outra. À Marina Santander, que me entende tanto e que admiro muito. Ao Eduardo Celestino, que representa para mim força e conquista. À Nicole Domingues e à Gabi Bottini, presentes do Pibid em momentos distintos, mas que representam uma amizade tão bonita e sincera. Por fim, para aqueles que fizeram tanto sentido, mas que hoje não fazem mais.

É uma conquista nossa.

“Nós vamos a São Paulo

Viver ou morrer

[...]

Faz pena o nortista

Tão forte, tão bravo

Viver como escravo

No Norte e no Sul”

(Trecho da canção *Triste Partida*, 1964, por *Patativa do Assaré*)

RESUMO

A paisagem reflete um acúmulo de processos, sendo transformações econômicas, sociais, moldadas pela ação humana e pelas estruturas materiais que se fixam no espaço. Essa perspectiva orienta a análise do bairro de São Miguel Paulista, bairro do extremo leste da cidade de São Paulo, cuja configuração espacial foi profundamente alterada pela instalação da Companhia Nitro Química Brasileira na década de 1930. Inicialmente voltada ao ramo químico-têxtil, a empresa transformou o bairro em um polo de desenvolvimento industrial e operário, atraindo migrantes, principalmente nordestinos, que passaram a compor sua força de trabalho e identidade sociocultural. Essa mudança manifestada no bairro articula o processo histórico da industrialização paulistana e sua manifestação na periferia, destacando um papel assistencialista da fábrica na organização do território, com vilas operárias, serviços e lazer. A reestruturação produtiva dos anos 1990 resultou em declínio industrial caracterizado por um processo de reorganização empresarial. Assim, a Nitro Química permanece como marco no bairro, influenciando a memória coletiva e a estrutura socioespacial de São Miguel Paulista.

Palavras-chave: Industrialização; São Miguel Paulista; Migração nordestina; Paisagem Urbana; Nitro Química;

ABSTRACT

The landscape reflects an accumulation of processes, namely economic and social transformations, shaped by human action and by the material structures fixed in space. This perspective guides the analysis of the neighborhood of São Miguel Paulista, located in the far eastern periphery of the city of São Paulo, whose spatial configuration was profoundly altered by the establishment of the Companhia Nitro Química Brasileira in the 1930s. Initially focused on the chemical-textile sector, the company transformed the neighborhood into a hub of industrial and working-class development, attracting migrants, mainly from Brazil's Northeast, who came to form its workforce and sociocultural identity. This transformation in the neighborhood articulates the historical process of São Paulo's industrialization and its manifestation in the periphery, highlighting the factory's welfare role in the organization of the territory, with workers' housing, services, and leisure. The productive restructuring of the 1990s resulted in industrial decline, characterized by a process of business reorganization. Thus, Nitro Química remains a landmark in the neighborhood, influencing the collective memory and the socio-spatial structure of São Miguel Paulista.

Keywords: Industrialization; São Miguel Paulista; Northeastern migration; Urban landscape; Nitro Química.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Mapa da localização de São Miguel em relação à cidade e ao Estado de São Paulo.....	11
Figura 2: Casamento dos pais da autora, com a Capela de São Miguel Arcanjo no fundo.....	12
Figura 3: Transformação urbana na Rua Tenente Miguel Délia, São Miguel Paulista... 13	
Figura 4: Primeira diretoria do CIESP, 1928.....	20
Figura 5: 1ª sede do CIESP.....	20
Figura 6: Capitania de São Vicente.....	27
Figura 7: Capela de São Miguel.....	29
Figura 8: Mapa do perímetro da Capela de São Miguel Arcanjo, tombada.....	30
Figura 9: Produção e estoque de fios de raio - Nitro Química, 1990.....	33
Figura 10: Nitro Química Brasileira.....	36
Figura 11: Manifestação dos trabalhadores da Nitro Química em 1986.....	40
Figura 13: Mapa de bens tombados da Nitro Química.....	45
Figura 14: Antiga portaria.....	51
Figura 15: Antiga portaria, agora fechada por muros, 2025.....	51
Figura 16: Antiga portaria do Clube Social.....	52
Figura 17: Piscina do clube.....	52
Figura 18: Antiga Sede do Clube Social.....	53
Figura 19: Antiga Sede do Clube Social, agora em profundo abandono, 2025.....	53
Figura 20: Bens tombados em São Miguel Paulista.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. INDUSTRIALIZAÇÃO EM SÃO PAULO.....	16
1.1 Formação da indústria paulista.....	16
1.2. Expansão da indústria para o subúrbio paulista e consequências socioespaciais.....	21
2. SÃO MIGUEL DE URURAI: FORMAÇÃO MARCADA PELA OCUPAÇÃO JESUÍTICA.....	24
2.1. A aldeia de Ururá e os guaianases.....	25
2.2. A paisagem modificada: marcas e permanências.....	28
3. NITRO QUÍMICA E FORMAÇÃO DO BAIRRO OPERÁRIO (1930-1990).....	32
3.1. A chegada da Nitro Química e o 'boom' em São Miguel.....	33
3.2. A migração nordestina e a constituição de um bairro operário.....	37
3.3. Paisagem e memória pela Nitro.....	41
4. TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM A PARTIR DA RESTRUTURAÇÃO DA FÁBRICA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo passou por intensas transformações econômicas e sociais que se refletiram diretamente na paisagem urbana. A industrialização, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX, configurou-se como um dos principais vetores dessas mudanças, moldando o território, sua paisagem e reorganizando as relações sociais. A partir da década de 1940, o crescimento acelerado do parque industrial provocou a saturação das áreas centrais e impulsionou a migração das atividades fabris para regiões periféricas e, posteriormente, para cidades da Região Metropolitana e do interior paulista. Essa movimentação atendeu à lógica de valorização do capital, que buscava terrenos mais baratos, proximidade com vias de transporte, disponibilidade de mão de obra e menor pressão fundiária (Lencioni, 1991). Ao mesmo tempo, a expansão industrial estimulou a urbanização de novas áreas, frequentemente de forma desordenada e sem infraestrutura adequada, intensificando as desigualdades socioespaciais.

São Miguel Paulista, distrito localizado no extremo leste da periferia paulistana, passou por transformações significativas na paisagem e em sua economia a partir da década de 1930, quando ocorreu a instalação da Companhia Industrial Nitro Química Brasileira, empresa que se tornou uma das maiores do Brasil no ramo têxtil, resultando em uma reconfiguração do território periférico, consolidando-o como um bairro operário pela presença da indústria têxtil. Ao longo dos anos, a fábrica tornou-se um dos principais pólos industriais da região, atraindo uma grande porção de migrantes de todo o país, especialmente nordestinos, que passaram a compor a força de trabalho local e a transformar a identidade sociocultural, transformando em um bairro 'tipicamente nordestino'. Os migrantes se fixaram na região para trabalhar na fábrica e construíram, através de suas experiências cotidianas, uma identidade associada ao trabalho fabril, à solidariedade entre pares e uma vida de bairro. O crescimento da área em torno da fábrica resultou na formação de vilas operárias, no desenvolvimento do comércio, na realização das relações sociais e na organização de uma paisagem urbana diretamente associada à atividade fabril (Fontes, 2008). No entanto, a partir da década de 1990, com a abertura econômica e o processo de reestruturação produtiva, observou-se o declínio da Nitro Química, que levou à

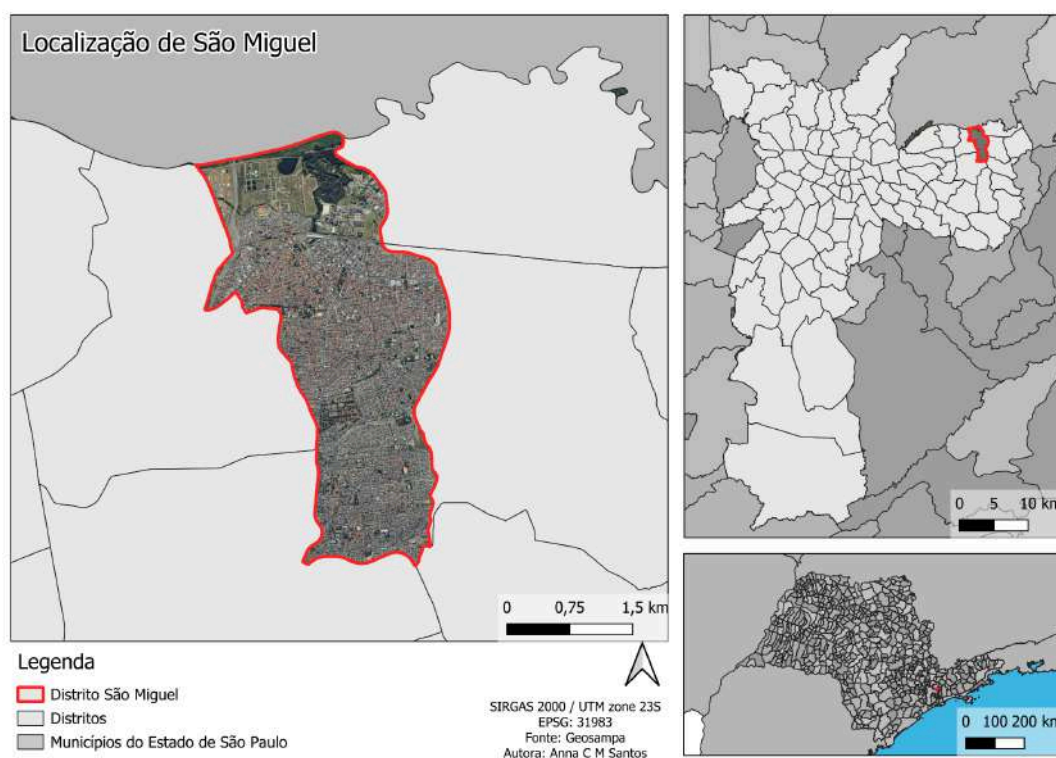
reestruturação da fábrica e à consequente reorganização da paisagem urbana (Dezen-Kempter, 2012).

A experiência de São Miguel evidencia como a urbanização de São Paulo se deu de forma fragmentada e desigual. Acompanhando o raciocínio de Odette Seabra, quando adverte sobre o estudo de um bairro,

a única maneira de estudar o bairro, sem cair no fragmento e nele permanecer, sem ficar preso a um pedaço da realidade que por ter uma dinâmica própria seduz, é considerar que a cidade é a totalidade de referência para o bairro, e enquanto totalidade a cidade é a sociedade (Seabra, 1987, p. 31).

Nesse sentido, este trabalho busca compreender São Miguel Paulista não de forma isolada, mas como parte da totalidade urbana e das contradições estruturantes do espaço metropolitano. Localizado na periferia da cidade de São Paulo, São Miguel foi diretamente impactado pelas dinâmicas de concentração industrial, de migração e de reestruturação produtiva, que afetaram profundamente sua paisagem e sua economia. O conceito de periferia, nesse caso, não se refere apenas à localização espacial, mas também à desigualdade que marca o território, o que se reflete na falta de investimentos públicos, principalmente no que se refere ao lazer e ao desenvolvimento da região, os quais foram realizados pela empresa estudada. O bairro expressa essas tensões entre centralidade produtiva e marginalização territorial, entre identidade coletiva e reestruturação urbana, entre memória e apagamento, com processos de tombamentos de equipamentos que continuam na paisagem.

Este trabalho analisa as transformações socioespaciais do bairro de São Miguel Paulista a partir da instalação, desenvolvimento e reestruturação da Companhia Nitro Química, compreendendo como essas dinâmicas se materializam na paisagem, nas relações sociais e nas formas de pertencimento local. Através da articulação entre memória operária, cultura fabril e reconfigurações do espaço urbano, busca-se refletir sobre o papel da fábrica na construção da identidade territorial e sobre os efeitos de sua reestruturação na configuração atual do bairro.



Mapa 1: Mapa da localização de São Miguel em relação à cidade e ao Estado de São Paulo.

Fonte: Autoria própria.

Este trabalho tem como motivação a vivência pessoal da autora e de sua família, marcada pela relação direta com o bairro de estudo. A presença da fábrica Nitro Química e seu impacto na vida cotidiana da comunidade local faz parte das memórias da família, que desperta o interesse em compreender como a história daquele espaço urbano se constituiu em articulação com os processos de industrialização, migração e reestruturação produtiva, relacionando histórias que escutei a vida inteira. Minha família tanto materna quanto paterna migrou de diferentes estados do Nordeste para o bairro em momentos distintos, por objetivos diferentes, mas se constituíram e formaram suas famílias em São Miguel. O bairro e a Nitro estiveram presentes em vários momentos na vida da minha família, ao oferecer bailes de carnavais com o clube, oportunidade de nadar na piscina que hoje se encontra fechada, e principalmente, trabalho para o meu avô paterno e outros familiares, inclusive para o meu pai que contribuiu com a empresa por um bom tempo. Tal relação e vivência foram extremamente importantes para me entender como moradora do bairro de São Miguel, e assim, influenciar diversas instâncias das vidas de meus familiares. O bairro, espaço de relações, está profundamente

interligado com as memórias, marcado na paisagem e fotografias, como é possível observar no fundo da foto de casamento dos meus pais a Capela de São Miguel Arcanjo, fundada em 1622.



Figura 2: Casamento dos pais da autora, com a Capela de São Miguel Arcanjo no fundo.

Fonte: Acervo da autora.

Desse modo, o avanço da urbanização e chegada de infraestrutura também atravessam os registros pessoais dos moradores, sendo assim, mais visíveis no decurso do tempo, como na sequência de fotografias abaixo.



Figura 3: Transformação urbana na Rua Tenente Miguel Délia, São Miguel Paulista.

Fonte: Acervo da autora.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi adotado uma abordagem qualitativa, baseada na análise bibliográfica e documental. Foram consultados artigos e livros referências na área da geografia econômica, geografia urbana, migração brasileira,

memória operária, história e estudos sobre industrialização, subúrbios e periferia, assim como documentos oficiais, relatórios técnicos e resoluções de tombamento relacionados ao bairro de São Miguel Paulista. Além disso, recorreu-se a teses, dissertações e artigos acadêmicos que discutem a Companhia Nitro Química e as transformações socioespaciais na cidade de São Paulo, buscando articular a análise histórica com a compreensão das dinâmicas contemporâneas. A pesquisa documental incluiu ainda materiais de acervos digitais e registros cartográficos, permitindo estabelecer uma relação entre a paisagem urbana e os processos econômicos e sociais que a moldaram. Também foi realizada uma entrevista com um antigo morador do bairro e ex-funcionário da Companhia Nitro Química, intitulado como Entrevistado 1, que atuou como chefe de seção da produção do fio raiom entre os anos 1988 e 1995; a entrevista foi realizada em julho de 2025. A metodologia fundamentou-se na interpretação das fontes, buscando identificar transformações nas formas de organização do espaço e na identidade territorial do bairro. O cruzamento de diferentes tipos de fontes permitiu construir uma narrativa integrada, capaz de situar São Miguel Paulista no contexto mais amplo da metrópole paulistana, sem perder de vista as suas especificidades, ao poder analisar os efeitos das transformações industriais e urbanas sobre a vida cotidiana e sobre a memória operária no bairro, enriquecendo a análise ao trazer uma dimensão vivencial ao processo estudado.

A estrutura deste trabalho foi pensada para acompanhar a transformação da paisagem de São Miguel Paulista, articulando transformações econômicas, espaciais e afetivas que moldaram o território. O Capítulo 1 apresenta o contexto mais amplo da industrialização em São Paulo, situando o processo de expansão urbana que deu origem aos primeiros subúrbios industriais, discutindo como a industrialização deslocou o eixo econômico da cidade, criando novas operações fabris e configurando uma paisagem marcada por desigualdades e hierarquias espaciais a partir da fábrica. O Capítulo 2 apresenta a formação histórica de São Miguel, desde sua origem como território indígena e jesuítico até a consolidação como área urbana. Esse capítulo busca evidenciar que, antes da chegada da indústria, já existia uma paisagem habitada e significativa. O Capítulo 3 analisa a instalação da Companhia Nitro Química Brasileira e a constituição de um bairro operário, explorando a experiência cotidiana, as redes de solidariedade e as formas de pertencimento

criadas em torno da fábrica. Já o Capítulo 4 discute a reestruturação da Nitro Química a partir dos anos 1990 e as mudanças na paisagem urbana e social de São Miguel Paulista, relacionando o declínio industrial à emergência de novas funções urbanas, à refuncionalização dos espaços e à persistência de memórias materiais e simbólicas.

1. INDUSTRIALIZAÇÃO EM SÃO PAULO

A consolidação de São Paulo como principal centro industrial do país foi resultado de um processo histórico que articulou transformações econômicas, sociais e territoriais e da paisagem que se iniciaram no final do século XIX e continuaram durante o século XX. A cidade passou por uma intensa reestruturação produtiva a partir da crise do ciclo do café, permitindo uma série de investimentos, o que gerou a expansão da cidade, marcado principalmente pela construção de rodovias, e a atração de mão de obra migrante, interna e externa. Tais fatores forneceram as bases materiais e sociais necessárias para a emergência de um parque industrial urbano que moldou o espaço e a sociedade paulistana.

Este capítulo busca contextualizar o processo de industrialização na cidade de São Paulo, para examinar um estudo de caso e tentar compreender os principais vetores da industrialização paulista que contribuem para a constituição de um espaço urbano fragmentado, funcionalmente dividido e socialmente desigual.

1.1 Formação da indústria paulista

A formação da indústria em São Paulo esteve profundamente ligada ao ciclo do café, que durante o século XIX consolidou a economia paulista como uma das mais prósperas do país. A riqueza gerada pela exportação do café permitiu o acúmulo de capital que seria posteriormente investido no setor industrial, passando a ser canalizado para fábricas na cidade de São Paulo. A transição de investimentos se deu como resultado de uma convergência entre os limites do modelo agrícola e as novas oportunidades econômicas e tecnológicas que se abriam no Brasil no final do século XIX, como a transição dos fluxos comerciais, abolição do tráfico negreiro e uma nova onda de imigrantes europeus em São Paulo (Mamigonian, [1976] 2017).

Sendo assim, torna-se relevante contextualizar tais acontecimentos que foram um impulso para a implementação de equipamentos fabris na cidade, como a abolição da escravidão em 1888, com a substituição do trabalho escravo pelo dos migrantes europeus, e a proclamação da República em 1889. As elites cafeeiras começaram a observar na indústria um novo campo de expansão econômica, junto com a concentração de imigrantes europeus na cidade, principalmente italianos, que a

partir desse momento passaram a compor a força de trabalho das fábricas que estavam sendo instaladas em posições estratégicas da cidade. A localização delas estava estreitamente vinculada à malha ferroviária, conforme afirma Seabra (2015),

Até os anos vinte, quando há um pequeno surto industrial, o trabalho fabril que motivava o deslocamento dos operários, se fazia sobretudo pela ferrovia, porque as fábricas estavam localizadas em posição lindeira às ferrovias. Da década de vinte em diante, os bairros são mais claramente definidos e a cidade propriamente dita é o lugar privilegiado para as articulações de natureza diversas; é o lugar dos confrontos, das decisões, da política. (Seabra, 2015, p.40)

As indústrias se instalavam em áreas lindeiras às ferrovias, aproveitando a infraestrutura de transporte para o escoamento da produção e o recebimento de matérias-primas. Esse padrão de localização também influenciava o deslocamento diário dos trabalhadores, que utilizavam o trem para chegar às fábricas ou que moravam bem próximo ao seu trabalho, como era o mais comum. As principais regiões industriais nesse período incluíam os bairros além do Tamanduateí, como aborda Margarida Maria de Andrade (1991), abrangendo o Brás, Mooca e Belenzinho, regiões que concentravam instalações fabris, vilas operárias e cortiços, configurando os primeiros núcleos de trabalho e moradia da classe operária urbana paulistana. Além do Tamanduateí, as fábricas foram se instalando próximas aos principais cursos d'água da cidade, como o Rio Tietê e Rio Pinheiros, que passaram por modificações em seu curso e foram canalizados e margeados por vias expressas para compor o espaço produtivo da cidade. Essas posições estratégicas estão atreladas principalmente à construção da malha ferroviária, que conectava o interior ao Porto de Santos e facilitava esse processo, dinamizando também a logística para chegada dos imigrantes, como é o caso da Hospedaria de Imigrantes no Brás.

Assim sendo, a indústria mantém um papel fundamental na formação e urbanização da cidade de São Paulo em meio aos moldes capitalistas, conforme apresenta Seabra (2015),

A indústria é o motor da modernização capitalista da sociedade, pois ao mesmo tempo em que consome e transforma trabalho humano, consome e transforma elementos da natureza sob a forma de matéria prima; modifica os equilíbrios dos ecossistemas naturais e libera

diferentes formas de resíduos. Produz uma sociedade muito complexa. (Seabra, 2015, p.38)

Dessa forma, torna-se importante contextualizar a formação da indústria na cidade de São Paulo para a compreensão de sua sociedade e organização espacial. Na primeira fase da industrialização paulista, observa-se uma tendência à concentração industrial em bairros centrais da cidade, como Brás e Mooca, favorecidos com o centro urbano e com cursos d'água como o Rio Tamanduateí, que facilitavam a logística. Este processo passou a ser consolidado a partir da Primeira Guerra Mundial, quando o país enfrentou dificuldades para importar produtos manufaturados da Europa. Isso expôs a dependência brasileira de mercadorias externas e a escassez de bens industrializados, combinada ao aumento da demanda interna, abriu espaço para o crescimento de pequenas e médias indústrias, sobretudo nos centros urbanos mais dinâmicos como São Paulo e Rio de Janeiro. Esse movimento ganhou impulso significativo durante a Era Vargas, quando o Estado brasileiro, motivado principalmente pela ideia de progresso, adotou uma postura mais intervencionista, buscando fortalecer o mercado interno e criar as bases materiais para o desenvolvimento nacional (Petrone, 1953).

A cidade assume uma centralidade econômica nacional impulsionada por uma série de fatores, como sua posição estratégica, concentração de investimentos e de capital oriundos do clíco de café e a crescente urbanização, se tornando o principal centro da vida industrial brasileira (Petrone, 1955). A geografia da cidade passou a refletir uma divisão do espaço urbano, com áreas industriais se manifestando em pontos específicos, e vilas operárias próximas ao centro fabril para os trabalhadores da fábrica, sendo uma delimitação específica, reforçando núcleos industriais periféricos e criando novas centralidades voltadas a produção industrial (Azevedo, 1958). Essa fragmentação funcional e espacial da cidade industrial em formação é explicada por Langenbuch (1971), que, ao estudar a estruturação da Grande São Paulo, destaca como a expansão industrial foi acompanhada pela expansão desordenada do tecido urbano. Segundo ele, a indústria paulista concentrou-se em polos bem definidos, enquanto as camadas trabalhadoras, especialmente os migrantes, foram empurradas para as bordas da metrópole, muitas vezes sem acesso a equipamentos urbanos básicos. A estrutura urbana metropolitana passou, então, a refletir as contradições próprias da lógica de acumulação industrial.

Portanto, São Paulo passa a exercer a partir desse processo, uma função polarizadora no território brasileiro, atraindo migrantes de várias regiões, consolidando-se como um centro de decisões econômicas e políticas de alcance nacional.

No entanto, essa centralidade foi conquistada a partir de uma base urbana desigual, em que a ausência de uma política pública consistente para o ordenamento territorial contribuiu para o agravamento das condições de vida nas áreas periféricas, implicando também na construção de uma nova morfologia urbana. Como afirma Milton Santos (2008), o desenvolvimento do espaço urbano ocorre de forma seletiva e desigual, moldado pelos interesses do capital, o que contribui para a fragmentação e exclusão de parcelas significativas da população urbana.

Nesse contexto, se torna importante mencionar a atuação de empresários que foram destaques nesse processo de industrialização e fragmentação da cidade, como Francesco Matarazzo, a família Klabin e José Ermírio de Moraes, ligado à Companhia Votorantim. Esses empresários atuaram como articuladores de um projeto de modernização econômica no Estado de São Paulo, junto com a industrialização (Mamigonian, [1976] 2017).

Destaca-se também a criação do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), fundado em 28 de outubro de 1928, durante uma reunião no Clube Comercial, localizado na Rua São Bento, nº 47. A criação do CIESP representou o encontro dos interesses industriais paulistas, oferecendo um espaço para debates e articulações entre os empresários locais. Segundo o site oficial da entidade, o CIESP surgiu para fortalecer a indústria paulista.



Figura 4: Primeira diretoria do CIESP, 1928.

Fonte: <<https://regional.ciesp.com.br/sbc/sobre/>>.



Figura 5: 1ª sede do CIESP.

Fonte: <<https://www.ciesp.com.br/sobre-o-ciesp>>.

O processo de industrialização em São Paulo reconfigurou profundamente o espaço urbano e metropolitano da capital paulista ao longo do século XX. A cidade, que até fins do século XIX possuía traços de uma economia centrada nos serviços administrativos e no comércio, transformou-se em um polo industrial e urbano, ampliando sua influência para além dos limites municipais. Trata-se aqui de um

processo que não foi um processo isolado ou espontâneo e sim resultado de um conjunto de transformações estruturais que envolveram dinâmicas econômicas, sociais, territoriais e políticas.

1.2. Expansão da indústria para o subúrbio paulista e consequências socioespaciais

O processo de industrialização em São Paulo, inicialmente concentrado em áreas centrais com infraestrutura consolidada, aos poucos se expandiu para regiões do subúrbio e, posteriormente, para cidades da Região Metropolitana e do interior do estado. Essa dinâmica respondeu a uma lógica própria do capital, que busca constantemente reestruturar o espaço de modo a manter e ampliar sua valorização. A industrialização teve um papel moldando o espaço urbano na cidade e também reorganizou as relações sociais e as dinâmicas territoriais. A expansão da indústria decorreu de múltiplos fatores: a saturação do espaço urbano central, o aumento do valor fundiário nas áreas consolidadas, a pressão sobre a infraestrutura urbana, busca por terrenos mais baratos, proximidade com vias de transporte, mão de obra mais acessível e principalmente, pelo o rápido crescimento da população urbana e de sua mancha urbana na cidade. Esse processo resultou em uma urbanização desordenada e no agravamento das desigualdades socioespaciais, com trabalhadores sendo empurrados para as bordas da metrópole (Lencioni, 1991).

No entanto, o movimento que levou à reorganização da indústria, por exemplo, não pode ser interpretado como uma simples descentralização. Lencioni (1991) em sua tese sobre a reestruturação urbana industrial, focada na indústria têxtil, defende que tal movimento não foi um processo de descentralização industrial, mas sim se tratou da própria multiplicação da localização das indústrias, onde a valorização do capital não se desterritorializa, ao contrário, persiste e se afirma ainda mais na metrópole que se desconcentra espacialmente; segundo esta autora, se observou a expansão da base territorial da produção industrial sem perda do controle metropolitano sobre os processos de acumulação e valorização do capital.

Esse processo foi marcado pela reestruturação produtiva e pela mobilidade espacial do capital. Empresas têxteis, especialmente concentradas na Região Metropolitana de São Paulo e tradicionalmente presentes no interior, passaram a adotar novos métodos produtivos e gerenciais, além de estratégias de mobilidade do capital. Isso levou a uma nova distribuição espacial da indústria, sugerindo, superficialmente, uma descentralização industrial, mas que, na verdade, consolidou novas formas de centralização e concentração do capital, conforme apresenta,

Um primeiro ponto importante a afirmar, é que concentração e centralização constituem movimentos distintos no processo de valorização do capital. O processo que incorpora a expansão dos meios de produção e trabalhadores, ampliando a acumulação, corresponde ao processo de concentração. Neste sentido, concentração e acumulação são processos que se confundem no movimento de reprodução do capital, enquanto criação, inserção e continuidade do desenvolvimento produtivo. Ao contrário da concentração, o processo de descentralização não se confunde com acumulação. Centralizar é associar capitais. [...] A centralização é, portanto, uma reorganização na distribuição da propriedade dos capitais. Altera-se apenas o agrupamento quantitativo das partes constitutivas do capital social e, neste sentido, é que se concentra a propriedade do capital, não resultando, portanto, em nenhum aumento do capital social. (Lencioni, 1991, p. 184)

A reestruturação urbano-industrial diz respeito às transformações que ocorrem na lógica de localização, organização e funcionamento da indústria, guiadas pela busca por competitividade e racionalização dos custos de produção. No caso paulista, esse processo provocou a desconcentração espacial da indústria, sem que isso implicasse uma descentralização real do controle sobre o capital, como aponta a autora que foi usada como principal bibliografia para esse capítulo. A metrópole continua sendo o centro das decisões estratégicas e do poder econômico, mesmo com a multiplicação de polos produtivos em outras regiões do estado.

A indústria têxtil paulista, setor que se caracteriza por uma forte segmentação em diversos subsetores de produção, como fiação, tecelagem, malharia, beneficiamento, entre outros, foi se "tomando-se o ramo de maior significado na produção têxtil nacional, o de fiação e tecelagem, 17% se constituíam como grandes indústrias que faturavam 55,1% da receita de todo setor têxtil e cerca de 90% da receita do ramo de fiação e tecelagem" (Lencioni, 1991, p. 165). Essa concentração de receita em poucas empresas evidencia o grau de centralização do capital no

setor, mesmo diante da aparente dispersão espacial da produção. Tal estrutura segmentada e hierarquizada ajuda a compreender o funcionamento da Companhia Nitro Química Brasileira, que atuava também na cadeia produtiva têxtil e será objeto de análise nos próximos capítulos. A fábrica produzia componentes químicos e também manteve em sua estrutura setores voltados à produção de fibras e produtos destinados à indústria têxtil, ao fio raiom principalmente, inserindo-se assim nesse complexo industrial de forma integrada.

Sendo assim, a reprodução do capital segue uma lógica de desenvolvimento desigual do espaço, reorganizando as estruturas produtivas, mas mantendo e até reforçando o controle centralizado. Essa dinâmica reforça a fragmentação urbana e territorial, como analisa Milton Santos (2008), contribuindo para uma cidade cada vez mais marcada pela segregação espacial e pela exclusão social. A expansão da indústria para além dos limites municipais de São Paulo permitiu o surgimento de novos núcleos urbanos e produtivos, mas sob a dependência funcional e econômica da metrópole. Essa relação assimétrica pavimenta o caminho para entender a formação de bairros operários nos extremos da cidade, como São Miguel Paulista, na zona leste da capital, localizado próximo à linha férrea da Central do Brasil. Com abundância de terrenos pouco valorizados, o bairro atraiu uma indústria, a Nitro Química, que consolidou um novo núcleo operário. A formação desse território industrial será tratada em profundidade nos próximos capítulos.

2. SÃO MIGUEL DE URURAI: FORMAÇÃO MARCADA PELA OCUPAÇÃO JESUÍTICA

A formação da área de estudo, do bairro São Miguel Paulista, também conhecido historicamente como São Miguel de Ururá, possui um papel significativo na constituição do território do município de São Paulo. Sua origem remonta ao período colonial, por volta de 1560, quando foi fundado o aldeamento de São Miguel de Ururá sob a liderança do padre José de Anchieta, como parte do projeto de catequização dos povos indígenas, em especial os guaianases que já ocupavam a região. Como testemunho físico desse processo, podemos destacar a Capela de São Miguel Arcanjo, construída em 1622 e ainda presente na paisagem urbana atual, funcionando como um dos marcos mais antigos da ação jesuítica em São Paulo.

Localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, o bairro de São Miguel Paulista faz divisa com outros dois distritos que compõem a Subprefeitura de São Miguel: Vila Jacuí e Jardim Helena. Sua posição geográfica de planaltos entre a várzea do Tietê foi determinante para a escolha do local como ponto estratégico de ocupação e defesa. O aldeamento servia não apenas como espaço de catequese, mas também como posto avançado de proteção à então Vila de São Paulo de Piratininga, sobretudo no trecho de passagem para o centro da vila. O território atualmente conhecido como São Miguel teve ao longo do tempo diversas denominações, era originalmente chamado de Ururá pelos guaianases, em referência ao trecho do Rio Tietê que banha a região. Com a chegada dos jesuítas e a implantação da missão cristã, passou a ser denominado aldeamento de São Miguel de Ururá, sendo mais tarde referido também como Baquirivu e, finalmente, São Miguel Paulista, nome que se consolidou com a urbanização e integração definitiva à malha da cidade de São Paulo.

Este capítulo pretende apresentar as formas iniciais de ocupação do território, quando ainda era reconhecido pelos povos originários como Ururá e compreender como os processos de colonização, aldeamento e catequização provocaram a reorganização da paisagem. A fundação do aldeamento e a construção da capela marcam o início de um processo de substituição simbólica e material das referências

indígenas por elementos da estrutura colonial cristã, cuja presença ainda é visível na paisagem urbana contemporânea.

2.1. A aldeia de Ururá e os guaianases

A transformação de paisagem do território em questão se determina inicialmente pelo processo de colonização no Brasil, ainda em meados de 1560. Podemos considerar a presença dos guaianases e posterior permanência e invasão dos jesuítas a partir da vinda dos portugueses como pontos iniciais para contextualizar a formação do aldeamento de São Miguel de Ururá, em que pese a cisão desses dois grupos, guaianases e jesuítas. De acordo com Bomtempi (1970, p. 20) “sem dúvida ainda titubeante, a carência de meios para sobreviver, supridos pela tenacidade dos padres” dita como os indígenas estavam em relação aos membros da igreja portuguesa durante esse período de consolidação inicial do povoado. Dito isso, a história de formação e de transformação da paisagem foi marcada pelo processo colonizatório, cheio de conflitos e confrontos entre a população indígena e a população branca recém chegada que habitava a região.

Os jesuítas, responsáveis pela formação do aldeamento, chegaram à Vila de São Paulo sob o amparo da Ordem de Cristo, orientados por três princípios centrais: o serviço a Deus, o serviço a Portugal e o progresso das terras do Brasil. Esses fundamentos guiavam a atuação dos missionários da Companhia de Jesus, além da catequização indígena, tratava-se de um instrumento de ocupação territorial. O aldeamento de São Miguel de Ururá foi fundado pelo padre José de Anchieta, com o objetivo de concentrar os guaianases sob supervisão religiosa e estruturar um núcleo cristão fixo, que serviria para os primeiros núcleos habitacionais permanentes na região, representando assim uma reorganização significativa do território.

O espaço passou a ser estruturado sob um modelo fixo, centrado na capela, os guaianases foram inseridos em um novo sistema de controle, em que a prática religiosa, o trabalho agrícola e a disciplina social estavam integrados ao novo modo de vida dessa população. Mesmo ainda que os jesuítas atuaram em certa medida como intermediários entre os indígenas e os colonos ao impedir sua escravização direta, a imposição de uma nova forma de vida significou a substituição progressiva das práticas culturais indígenas por valores e condutas vinculados à tradição

européia cristã, com a rotina do aldeamento seguindo os horários da liturgia católica, com orações, confissões. A reorganização territorial e cultural não foi isenta de tensões, Bomtempi (1970) discute que, apesar da adaptação forçada, os indígenas mantiveram formas de resistência e negociação, ainda que limitadas.

A presença indígena no aldeamento de São Miguel de Ururaí foi oficialmente reconhecida por meio de uma carta de sesmaria concedida aos guaianases em 1580. Esse documento, além de garantir aos indígenas o direito de ocupar um território extenso como Ururaí, que se estendia do Córrego “Ticoatira” na Penha, ao Rio Guaió, nas proximidades do atual município de Ferraz de Vasconcelos, representa um caso de reconhecimento oficial da ocupação indígena durante o período colonial. Esse processo ocorreu também no aldeamento de Pinheiros, os dois principais aldeamentos durante o período. A justificativa para a concessão dessas terras se baseava em:

as ponderações do doador em tudo coincidiam com o pensamento dos jesuítas: os índios tinham igreja, eram cristãos (função doutrinária das aldeias), estavam sempre a disposição para a defesa da terra (função defensiva), precisavam de terras para a obtenção de mantimentos (função fixadora), e além disso ‘visto como cada dia vem mais gentio para as ditas aldeias’ (Pinheiros e Ururaí). (Bomtempi, 1970, p.30)

Entretanto, a carta de sesmaria não determinava que a terra era propriedade definitiva dos indígenas e sim que eles poderiam utilizá-la e explorá-la conforme os interesses da Coroa e por tempo indeterminado. Logo, essa concessão representava uma forma de posse subordinada, inserida na lógica de controle da terra, que reconhecia o uso pelos indígenas apenas enquanto eles permanecessem vinculados ao sistema do aldeamento, à fé cristã e à obediência às autoridades locais, reforçando o papel das terras indígenas como instrumentos de ordenamento do território. Com isso, a ocupação indígena passava a depender da permanência das estruturas coloniais (igreja, padres, função defensiva) (Bomtempi, 1970).

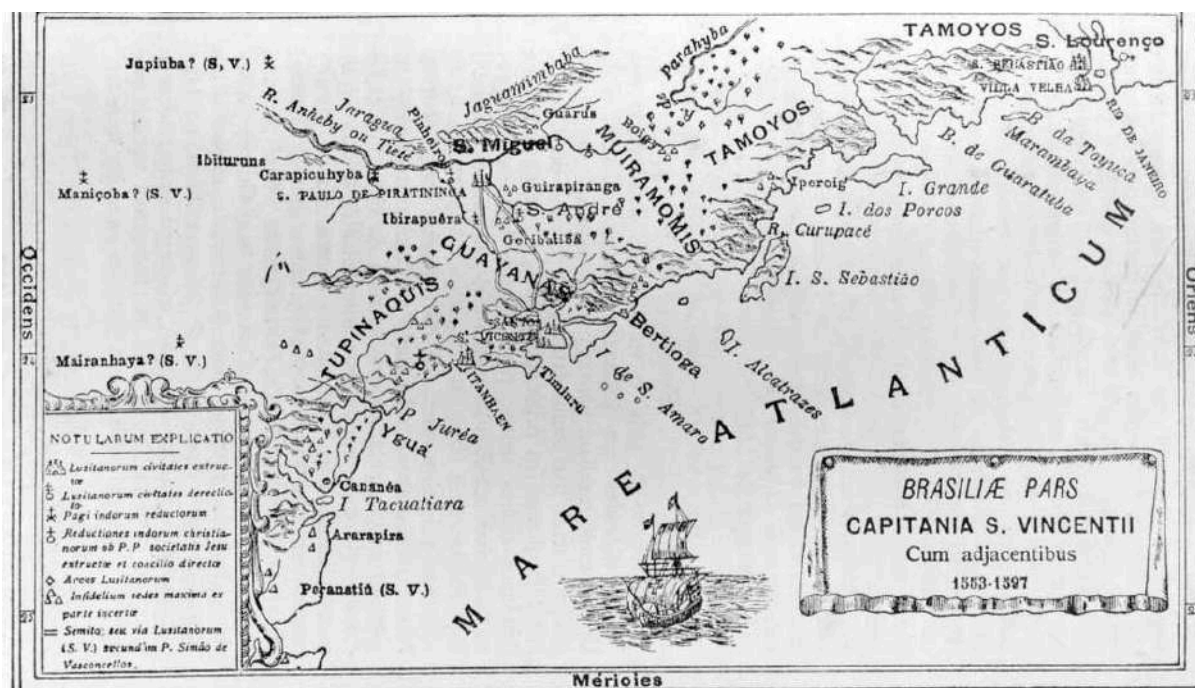


Figura 6: Capitania de São Vicente.

Fonte: <<https://centrodememoriaurbana.org/documento/4117>>.

A descrição da paisagem também é presente nos arquivos históricos para determinar a localização da carta de sesmaria de Ururaí “o rio de Ururaí mencionado no título é o Tietê, sob a sua mais primitiva denominação naquele local. As terras, pois, abrangeriam ambas as margens” (Bontempi, 1970, p.30).

Lembrando que a paisagem tem como definição um caráter histórico. Nas palavras de Aziz Ab’Saber,

as paisagens têm sempre o caráter de herança dos processos (fisiográficos e biológicos), de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente. Assim sendo, as paisagens são uma herança, um patrimônio coletivo dos povos que, historicamente, os modificam ao longo do tempo e do espaço” (Ab’Saber, 2003, p.9)

A partir disso, podemos concluir que no início da ocupação, a paisagem era demarcada por elementos naturais, pela presença do rio Tietê principalmente, porém, como veremos adiante nos próximos capítulos, a paisagem foi totalmente modificada pelo acúmulo de processos permeados pela relação entre a sociedade e a natureza, como um espaço carregado de sentido histórico, resultado de múltiplas

camadas de ocupação. A menção ao rio Ururá como referência para a concessão da sesmaria, por exemplo, revela não apenas a presença do elemento natural, mas também sua função simbólica e organizadora do território no contexto colonial. Assim, ao analisar a paisagem como patrimônio coletivo, é possível reconhecer que os traços da aldeia de Ururá não desapareceram por completo, mas permanecem sob diferentes formas, com o rio e os córregos canalizados hoje.

2.2. A paisagem modificada: marcas e permanências

Como marco na paisagem desse período, temos a fundação da Capela de São Miguel Arcanjo em 1622, construída em taipas para demarcar um espaço de catequização dos indígenas. É reconhecida como a mais antiga edificação religiosa no Estado de São Paulo que ainda está em uso, além de ser um dos primeiros bens a ser tombado pelo CONPRESP - **Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo**, em 1991. É tombada também pelo IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** em 1938, pelo CONDEPHAAT - **Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico** em 1974, levando em consideração o seu valor ambiental, paisagístico, potencial arqueológico e histórico para a formação de São Paulo. Embora sua construção data de 1622, como já foi apresentado, o aldeamento foi fundado em 1560 pelo padre José de Anchieta; a diferença entre essas datas decorre do fato de que já existia, anteriormente, uma outra capela que atendia aos jesuítas nos primeiros anos de ocupação. Porém, com o número de habitantes de São Miguel se elevando significativamente com a transferência de indígenas de Itaquaquecetuba, foi preciso a construção de uma nova capela para acomodar uma população maior e consolidar a centralidade do espaço religioso no cotidiano do povoado, como é o caso da Capela que conhecemos hoje.



1975 - Fachada da Capela de São Miguel Paulista

Figura 7: Capela de São Miguel.

Fonte: <<https://centrodememoriaurbana.org/documento/3944>>.

Sua permanência física, em meio a mais de 500 anos através de transformações urbanas, é uma expressão clara do que Milton Santos define como rugosidade da paisagem,

O que, na paisagem atual, representa um tempo do passado nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte do espaço-fator (Santos, 1996 p. 140).

Ao afirmar isso, o autor apresenta um conceito determinante para estudar a relação tempo-espaço, e para entender como objetos geográficos persistem na paisagem como uma herança do passado, refletindo um acúmulo de processos, mantendo um significado para aquele espaço.

A capela hoje está localizada na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, conhecida popularmente como Praça do Forró, pela concentração de nordestinos na região; ela materializa a história do bairro em meio a essa praça, permanece como uma forma herdada, apesar das mudanças em seu entorno. Sua presença também revela a justaposição de diferentes tempos e usos do espaço: de um território de catequese e aldeamento indígena, a um espaço público contemporâneo marcado por manifestações e pela intensa circulação urbana ao caos cotidiano, que se encontra em frente à Estação de Trem da CPTM. Essa convivência entre camadas temporais da paisagem reforça o papel da capela como ponto de ancoragem da memória coletiva no bairro. Mesmo que sua função original já não seja central para a maioria dos habitantes atuais, sua existência física continua a influenciar o modo como o território é percebido, vivido e narrado.

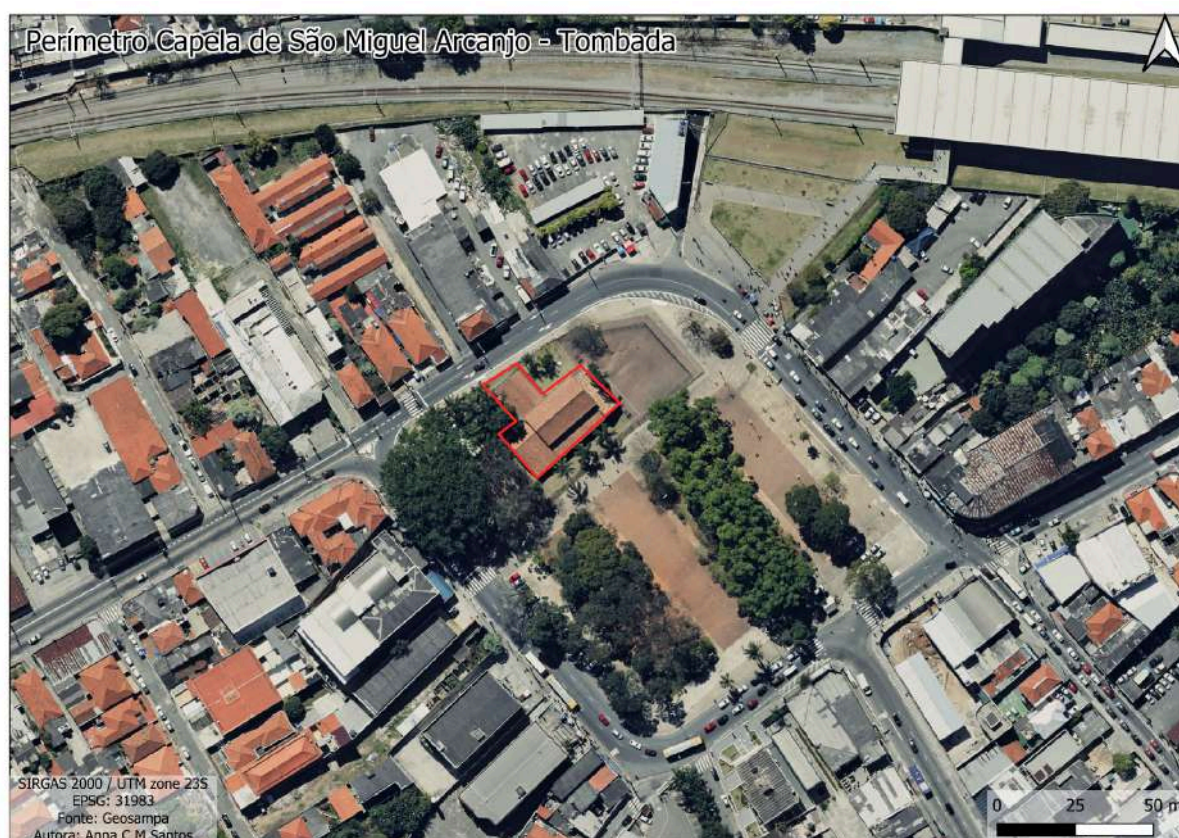


Figura 8: Mapa do perímetro da Capela de São Miguel Arcanjo, tombada.

Fonte: Autoria própria.

A presença em meio a um bairro profundamente alterado pelas dinâmicas urbanas evidencia como determinados elementos persistem no tempo, resistindo às mudanças estruturais e mantendo vínculos com a memória coletiva. Nesse sentido, a capela representa uma materialização da história, um ponto de permanência em uma paisagem em constante transformação. A análise da formação de São Miguel de Ururaí, desde a ocupação indígena até as primeiras estruturas coloniais, permite compreender que o desenvolvimento posterior do bairro está enraizado em processos históricos de longa duração. A paisagem atual é resultado de sucessivas camadas de apropriação e transformação, onde elementos como a Capela de São Miguel Arcanjo resistem como testemunhos vivos desse passado, operando como pontos de memória em meio à cidade contemporânea.

3. NITRO QUÍMICA E FORMAÇÃO DO BAIRRO OPERÁRIO (1930-1990)

A trajetória urbana de São Miguel Paulista está profundamente marcada pela sobreposição de tempos e dinâmicas territoriais. De antigo aldeamento indígena e núcleo rural no século XIX, o bairro foi ao longo do século XX incorporado à lógica industrial da metrópole paulistana, especialmente a partir da década de 1930. A instalação da fábrica Nitro Química Brasileira em 1935 representou um ponto de dinamismo nesse processo, promovendo profundas transformações sociais, econômicas e espaciais. Com o crescimento da produção industrial e a demanda por mão de obra, São Miguel tornou-se um dos principais destinos da migração nordestina na cidade de São Paulo.

Este capítulo tem como objetivo analisar o papel da fábrica Nitro Química na formação de São Miguel enquanto bairro operário, articulando três dimensões centrais: a migração nordestina, a estruturação do espaço urbano e a constituição de uma cultura operária baseada em redes sociais e de pertencimento. Ao longo do capítulo, também será discutido como a presença da Nitro Química reconfigurou a paisagem local por meio da criação de vilas operárias, loteamentos e equipamentos urbanos. Nesse sentido, São Miguel constitui-se como um território onde trabalho, moradia, lazer e luta social se entrelaçam em uma experiência de bairro profundamente marcada pela indústria.

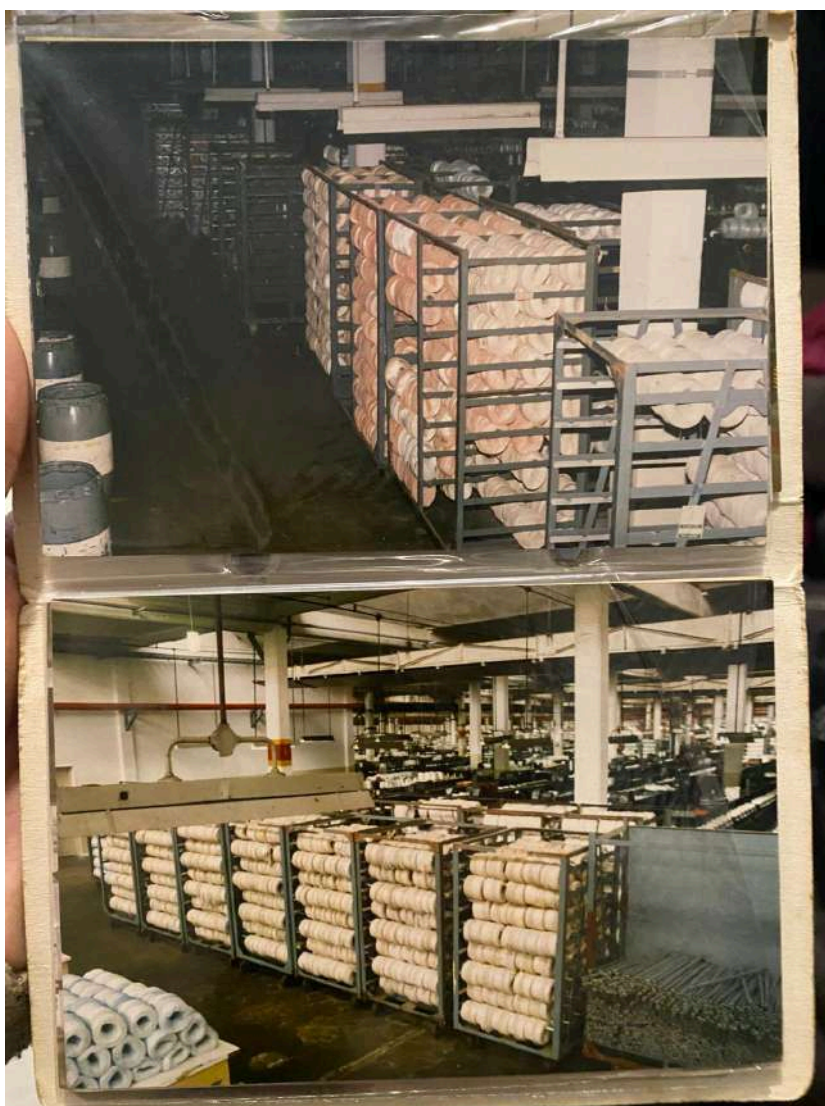


Figura 9: Produção e estoque de fios de raiom - Nitro Química, 1990.

Fonte: Acervo da autora.

3.1. A chegada da Nitro Química e o ‘boom’ em São Miguel

A década de 1930 representou uma mudança significativa na configuração territorial de São Miguel. Até então, o bairro ainda preservava resquícios rurais do século XIX, sendo marcada por atividades como agricultura de subsistência, produção de tijolos com olarias e também a utilização do rio Tietê como rota de escoamento e fornecimento de matéria-prima. Segundo Paulo Fontes (2008), nas primeiras décadas do século XX, o crescimento da capital paulista atraiu migrantes vindos de

Portugal e do Japão que se instalaram nas áreas periféricas da cidade, parte do distrito de São Miguel (onde hoje está localizado o distrito de Guaianazes), que passou a ter um grande papel na produção e abastecimento de hortaliças, legumes, frutas e flores. Já em São Miguel efetivamente, destacava-se a atuação das olarias que produziam tijolos para atender à crescente demanda urbana de São Paulo, aproveitando a proximidade com o rio Tietê tanto como recurso quanto como via de transporte.

A consolidação do bairro como território urbano, no entanto, somente se intensificou com o avanço das infraestruturas de transporte e, sobretudo, com a implantação de uma indústria de grande porte, como aponta Fontes (2008, p. 91),

O início das operações da irregular linha de ônibus Penha-São Miguel em 1930 e, principalmente, a construção de uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil, com a inauguração de uma estação ferroviária no bairro em 1932, atenuou o isolamento da região. Seria, no entanto, a instalação da Nitro Química que mudaria para sempre a face de São Miguel.

Fundada em 1935, a Companhia Nitro Química Brasileira foi resultado de uma articulação entre o empresariado paulista, representado pelos primos Klabin-Lafer conjuntamente com José Ermírio de Moraes, da Votorantim, ainda com o apoio decisivo do governo federal durante o Estado Novo. A construção da fábrica em São Miguel Paulista seguiu as diretrizes da política desenvolvimentista de Vargas, voltada à substituição de importações e à industrialização de base, em resposta à vulnerabilidade externa evidenciada pela crise de 1929. Nesse cenário, a Nitro Química, na parte têxtil cujo principal produto produzido era o fio sintético raiom, surgiu como uma peça estratégica do projeto de autonomia produtiva nacional, que visava fortalecer a indústria química e reduzir a dependência externa.

Segundo Marcondes (2016), foi o próprio Vargas que discutiu pessoalmente a escolha de São Miguel com os empresários fundadores; a localização da fábrica foi estrategicamente pensada: a região oferecia amplos terrenos a preços acessíveis, infraestrutura ferroviária consolidada recentemente, com a Estação de São Miguel inaugurada em 1932 e a proximidade com o rio Tietê, que servia como fonte de água e como via de transporte de materiais. Além disso, a relativa distância do centro urbano oferecia maior segurança para uma indústria de risco, especializada

inicialmente em produtos explosivos e, posteriormente, em derivados químicos diversos (Marcondes, 2016).

A planta industrial da Nitro Química foi montada a partir do maquinário transferido da Tubize Chatillon Corporation, uma fábrica norte-americana de seda artificial desativada após a crise de 1929, a qual foi desmontada, importada e remontada em São Miguel, simbolizando a incorporação tecnológica e o esforço de reindustrialização promovido pelo Estado brasileiro. A presença de Getúlio Vargas na inauguração oficial da fábrica em 1940 representava o compromisso do governo com o fortalecimento da indústria de base. Como reforça Marcondes (2016, p. 23), “São Miguel Paulista não foi escolhida por acaso para a construção da fábrica, mas por possuir uma geografia perfeita para sua instalação”. Essa ‘geografia’, que Marcondes apresenta em sua tese, estava aliada à infraestrutura do bairro, como já foi apresentado anteriormente, a rede ferroviária recém instalada, proximidade com o rio Tietê para a captação de água e despejo dos dejetos industriais, terrenos baratos em comparação ao centro da cidade, favorecendo, assim, o estabelecimento de um modelo fabril profundamente articulado ao território. A partir da sua instalação, a fábrica se tornou um polo importante para o desenvolvimento de São Miguel, fomentando a geração de empregos e demarcando, assim, a sua passagem entre um bairro que continha a sua paisagem totalmente rural, para pré industrial e urbano, como veremos a seguir.



Figura 10: Nitro Química Brasileira.

Fonte: <<https://nitro.com.br/a-nitro>>.

É importante ressaltar que esse processo industrial no bairro não se deu de forma isolada, somente no bairro ou na zona leste, e sim acompanhou uma tendência mais ampla de expansão da indústria na metrópole paulistana no pós-guerra, e nas franjas da cidade em si. Como aponta Paulo Fontes (2008) p. 47, “de fato, a zona metropolitana de São Paulo nos anos 1950 foi o palco de um acelerado e diversificado processo de industrialização e urbanização. A região foi a principal responsável pela elevada taxa de crescimento industrial do país”. A Nitro Química, nesse contexto, inseriu-se como um dos motores desse processo na Zona Leste, atraindo investimentos, infraestrutura e principalmente força de trabalho, especialmente oriunda do Nordeste e do Norte do país.

Diante da centralidade produtiva exercida pela empresa, é possível interpretar sua atuação pelo conceito de polos de crescimento e desenvolvimento do François

Perroux (1961). Para o autor, determinadas atividades econômicas concentram e irradiam dinamismo, organizando o espaço a partir de si mesmas. A fábrica, ao articular emprego, moradia, transporte e sociabilidade, estruturava o bairro, sendo considerada como uma indústria motriz, funcionando como vetor de urbanização para São Miguel Paulista. A inserção da teoria de François Perroux pode ser interessante para interpretar as primeiras décadas de desenvolvimento na região, considerando que sua proposta parte da constatação de que o crescimento econômico ocorre de forma desigual no território. Para Perroux, o crescimento não se dá de maneira difusa ou homogênea, mas sim por meio de núcleos de expansão, os chamados polos de crescimento, onde se concentram unidades produtivas com capacidade de influenciar e reorganizar as atividades econômicas ao seu redor. Esses polos são estruturados em torno de indústrias motrizes, cuja força organizadora se expressa na produção, na atração de infraestrutura e mão de obra, e na reorganização funcional do espaço. Souza (2005) evidencia a diferença entre crescimento e desenvolvimento proposta por Perroux.

O pólo de crescimento tem uma forte identificação geográfica, porque ele é produto das economias de aglomeração geradas pelos complexos industriais, que são liderados pelas indústrias motrizes. Um complexo industrial é um conjunto de atividades ligadas por relações de insumo-produto. Ele forma um pólo de crescimento quando for liderado por uma ou mais indústrias motrizes; e ele se tornará um pólo de desenvolvimento quando provocar transformações estruturais e expandir o produto e o emprego no meio em que está inserido (Souza, 1993, p. 33).

Aplicando esse referencial ao caso da Companhia Nitro Química Brasileira, observa-se que sua instalação em São Miguel Paulista representou um ponto de crescimento econômico do bairro, como também provocou uma reconfiguração profunda de sua estrutura urbana e social, induzindo loteamentos, vilas operárias, fluxo migratório e redefinição do espaço público e privado. Nesse sentido, a Nitro Química pode ser compreendida como indústria motriz e polo de estruturamento de desenvolvimento de São Miguel, atuando como eixo importante para as transformações que marcaram o bairro ao longo do século XX, porém é importante ressaltar que “este crescimento acelerado, porém, não é permanente” (Andrade, 196, p.63), como veremos no próximo capítulo.

3.2. A migração nordestina e a constituição de um bairro operário

São Miguel Paulista se transformou em um dos principais destinos da migração nordestina no século XX, o que o fez ser conhecido hoje como um 'bairro tipicamente nordestino'. Com a crescente demanda por mão de obra nas indústrias que foram instaladas nas áreas periféricas da cidade, como a Nitro Química, combinada à crise estrutural no campo nordestino ao enfrentar grandes dificuldades encontrando uma estrutura agrária secularmente baseada no latifúndio, com baixo grau de produtividade e que estava comunicando sinais de esgotamento mostrando-se incapaz de acompanhar o desenvolvimento do centro sul do país (Fontes, 2008), foi gerado um deslocamento populacional marcado com muita precariedade em direção às áreas industriais da capital paulista e de seus arredores, com longas viagens em vagões superlotados da linha Central do Brasil, ou com os famosos paus-de-arara, para o destino almejado, desassistência e um profundo descompasso entre a promessa urbana e as condições reais encontradas.

Como lembra Paulo Fontes em seu primeiro capítulo do livro *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*, esses trabalhadores chegavam com “*mala de papelão e patuá nas costas*” e, muitas vezes, eram abordados ainda nas estações ferroviárias por contratadores que os conduziam diretamente às fábricas. Essa precariedade não se restringia à viagem. Uma vez em São Miguel, os migrantes eram inseridos em postos de trabalho inseguros e de baixa qualificação, com jornadas extenuantes e com uma remuneração limitada, mas que ainda era maior do que a encontrada no campo. Fontes revela o seguinte,

Os donos de caminhões paus-de-arara tinham um papel fundamental no agenciamento de trabalhadores no interior nordestino. Contando as vantagens do mercado de trabalho e das cidades industriais do Sudeste ou da zona rural paulista e paranaense, muitos chegaram a trabalhar diretamente para fazendeiros, industriais ou agências especializadas em São Paulo. (Fontes 2008, p.51)

Afim de realmente fazer esse papel de cooptação e convencimento de que São Paulo era o futuro do país e que era onde estava localizado os empregos, os nordestinos quando voltavam a sua cidade natal para visitar seus familiares,

chegavam de terno e bem vestidos, levando para a terra a simbolização da modernidade, que estava em São Paulo (Fontes, 2008).

A constituição de um reconhecimento operário em um bairro industrial, que estava passando por transformações em sua paisagem e em sua base de estruturação, foi realizada de forma conflituosa em relação ao que os migrantes encontraram nessa São Paulo, com o ritmo extenuante de trabalho até os critérios hierárquicos de acesso a benefícios, passando por demissões em massa em momentos de instabilidade econômica. Esses elementos alimentaram não só insatisfação, mas também organização social do trabalho, no qual esses conflitos estavam atrelados à empresa, aos sindicatos, aos partidos, à Igreja e a própria nova cidade. Ademais, os migrantes recém chegados a São Paulo tinham que enfrentar, além do estranhamento natural com a nova realidade, o preconceito, que se manifestava de diversas maneiras. Era comum uma tentativa de diluir suas identidades através de um nivelamento sob a alcunha de baianos, conforme aponta

Embora enfatizem suas diferenças, os migrantes percebiam claramente como o restante a sociedade tendia a homogeneizá-los. “Tudo o que acontecia de errado”, frisa novamente Artur Oliveira, “um cearense matava um pernambucano”, por exemplo, e todos já falavam “Ó, o baiano meteu a peixeira lá. Tudo era baiano, quando na realidade (havia migrantes) de todos os estados” (Fontes 2008, p.71)

Como afirma Aurelino de Andrade (2006), “São Paulo deve sua integridade territorial e moral ao nordestino”, mas esse reconhecimento esteve longe de ser uma constante histórica. Diante das adversidades, os migrantes construíram redes de solidariedade baseadas em laços familiares e de vizinhança, com famílias passando a residir próximas umas das outras, criando um ambiente de apoio mútuo e partilha de recursos. A transformação do bairro, impulsionada pela migração nordestina e pelas demandas da indústria, ocorreu de forma conflituosa, onde a fábrica foi palco de intensas tensões, sendo “associada a acidentes e altos índices de insalubridades. Protestos e luta contra tal ambiente de trabalho foram constantes desde a fundação da empresa.” (Fontes, 2002). Também é relatado que os setores mais pesados da empresa eram, em geral, destinados aos novatos, que não possuíam formação nem experiência prévia.

Nesse contexto, São Miguel se tornou um dos principais redutos de mobilização operária da cidade, com a ação sindical dos químicos e, sobretudo, a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desempenhando um papel central na articulação dos trabalhadores, promovendo greves, como a de 1986, registrada na fotografia abaixo, campanhas por direitos trabalhistas e formas de organização comunitária que extrapolavam os limites da fábrica. Por isso, as redes sociais geradas a partir da experiência comum dos migrantes foram fundamentais para a construção de uma extensa sociabilidade entre os moradores do bairro, que conviviam dentro e fora do ambiente fabril. A importância das organizações sindicais nesses espaços foi decisiva: “fazer parte das redes sociais desenvolvidas na fábrica e no bairro e compartilhar de referenciais culturais e experiências comuns era fundamental para a formação de lideranças e, por exemplo, possibilitou a construção de legitimidade para a ação sindical na região.” (Fontes, 2008, p. 125).



Figura 11: Manifestação dos trabalhadores da Nitro Química em 1986.

Fonte: Memorial da resistência São Paulo. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/lugares/fabrica-nitro-quimica-de-sao-miguel-paulista/>.

A constituição de redes sociais levantadas e construídas por migrantes foi de extrema importância para os recém chegados na região, conforme apontamos, mas também se caracteriza como uns dos principais elementos para o conceito de vida de bairro, apresentado por Seabra (1987) p. 25, “o bairro seria quase uma impossibilidade histórica, não fosse a família o suporte da vida de bairro. [...] A família é a menor unidade de identificação dos grandes grupos (cidade-povo-nação) que ao se territorializar produz o bairro como sua maior territorialidade”, afirmando que o bairro deve ser compreendido não apenas como unidade administrativa ou como um aglomerado físico de habitações, mas como territorialidade vivida, através de relações sociais e conflitos, como “um plano da experiência existencial” que combina trabalho, memória e cotidiano. A vida de bairro, em São Miguel, implicou uma prática social imediatamente espacializada, o que fez do bairro uma unidade socioespacial quase completa para essa vida de bairro.

3.3. Paisagem e memória pela Nitro

A fábrica da Nitro Química teve um papel fundamental ao transformar a economia e o perfil demográfico de São Miguel Paulista, como também, reconfigurando a forma como os moradores se relacionavam com o espaço urbano, gerando assim uma nova paisagem e novas dinâmicas, constituindo um conjunto inseparável de sua história, dos processos que ocorreram nesse espaço através de relações sociais sempre em transformação, como nos lembra Santos (1996).

Nos primeiros anos de atuação em São Miguel, a Nitro construiu dois núcleos habitacionais praticamente simultâneos à instalação da fábrica. A Vila Nitro Química foi destinada a chefes de seção, departamentos, vigias e outros trabalhadores com funções consideradas estratégicas. Já a Vila Americana foi ocupada por técnicos e engenheiros estadunidenses que participaram da montagem e da primeira fase da produção industrial, entre 1936 e o início da década de 1940. Esses conjuntos habitacionais ampliaram a área geográfica do bairro, que até então se concentrava no entorno da antiga igreja do aldeamento jesuítico e da grande praça central e evidenciaram uma clara hierarquização espacial promovida pela empresa (Fontes, 2008).

Enquanto os operários comuns habitavam casas padronizadas com infraestrutura básica, os profissionais mais qualificados residiam em moradias amplas, situadas em ruas arborizadas e com acesso privilegiado a equipamentos urbanos. Essa distinção reforçava simbolicamente e materialmente as diferenças de classe no interior da comunidade fabril, projetando sobre o território o próprio organograma da empresa. Com o crescimento acelerado da população migrante, principalmente a partir dos anos 1940, novos loteamentos como a Vila Nitro Operária, Parque Paulistano e Vila Curuçá foram surgindo, absorvendo os trabalhadores que não tinham acesso às moradias internas da fábrica. Enquanto isso, a pequena Vila Americana permaneceu sendo considerada uma área “nobre” do bairro, mesmo após a saída dos funcionários norte-americanos. Essa diferenciação se materializava na própria paisagem urbana, conforme aponta Azevedo:

Basta caminhar algumas dezenas de metros, além desse núcleo de velharias, para que uma outra “cidade” apareça aos nossos olhos. São os bairros novos, de traçado preestabelecido, com suas habitações em estilo moderno, uma vida ativa, que se patenteia no elevado número de casas comerciais e no movimento das ruas. Não longe da estação, está a Vila Nitro-Química, que é prolongada, em direção ao sul, pela Vila Americana, do outro lado da via-férrea. Já na várzea do Tietê, encontra-se a chamada Cidade Nitro-Química, destinada à população operária e continuada, para leste, pelo Parque Paulistano, ainda em formação. Na várzea do Itaquera, ao longo da Rodovia São Paulo-Rio, outras “vilas” operárias também existem: a Cidade Nitrooperária, a Vila Curuçá. Todos são núcleos de formação recente, resultantes da instalação ali dos estabelecimentos da “Companhia Nitro-Química Brasileira”. (Azevedo, 1945, p.133)

A Nitro Química, portanto, desempenhou papel ativo na configuração do tecido urbano em São Miguel, teve um caráter assistencialista, fornecendo equipamentos e serviços à população vinculada à fábrica. Isso incluía desde a construção de vilas operárias até a manutenção de creches, escolas, postos médicos e espaços de lazer, como o Clube de Regatas Nitro Química. A fábrica buscava, assim, garantir a reprodução social da força de trabalho em torno de sua lógica organizacional, ao mesmo tempo em que fomentava uma forma específica de sociabilidade operária, também organizava o tempo social e o uso do espaço público. Os turnos de trabalho e o apito da fábrica definiam os horários de circulação nas ruas, mas também o funcionamento do comércio e o calendário de festas.

Como mostra Fontes (2008), o bairro se estruturava como uma extensão da fábrica: escolas como o SENAI, creches mantidas pela empresa e centros de convivência integravam os trabalhadores ao "universo Nitro", criando laços de pertencimento e controle social ao mesmo tempo. O Clube de Regatas Nitro Química, fundado em 1939 à beira do rio Tietê, oferecia quadras esportivas, festas, bailes, carnaval e atividades náuticas, funcionando como um espaço privilegiado de lazer, mas restrito, em sua maioria, aos trabalhadores e familiares ligados diretamente à empresa. Esse clube, assim como outras iniciativas da fábrica, reforça a dimensão do assistencialismo industrial como forma de disciplinar e fidelizar sua força de trabalho, que estava interessada no tempo livre de sua mão de obra. O clube, ainda vivo na memória dos moradores, desempenhava naquele momento um papel central para referência de lazer e de sociabilização, o que ajudava, inclusive, na constituição de uma vida de bairro (Seabra, 1987).



Figura 12: Carnaval no Clube Nitro Química, 1966.

Fonte: <<https://centrodememoriaurbana.org/documento/4054>>.

Como afirma Odette Seabra (1987), o bairro é uma “unidade socioespacial quase completa”, em que o cotidiano se entrelaça à organização do espaço, dando forma ao vivido. A experiência de São Miguel Paulista, moldada pela presença da fábrica Nitro Química, evidencia como a paisagem urbana carrega simultaneamente marcas na memória coletiva, assim, a fábrica não pode ser compreendida apenas como um espaço de trabalho, ela é também um marco identitário, um lugar de memória, uma peça central na constituição do bairro enquanto fenômeno social e histórico.

A memória da fábrica permanece viva na paisagem urbana de São Miguel. Ela se manifesta nos nomes de ruas, em fotografias antigas, e sobretudo nos relatos orais de antigos trabalhadores e moradores, configurando o bairro como um verdadeiro “arquivo vivo”, no qual o passado não está congelado, mas constantemente reinterpretado por novas gerações. No entanto, esse modelo de organização urbana centrado na fábrica começou a se desarticular a partir das décadas de 1970 e 1980, com os impactos da reestruturação produtiva e da crise do capitalismo industrial, a chegada de novas formas industriais e de urbanização, gerou uma reconfiguração da cidade (Darviche, 2022). No caso da Nitro Química, assim como de outras grandes indústrias da capital paulista, houve redução drástica do quadro de funcionários, terceirizações e perda do papel estruturador que outrora exercia sobre o bairro. Esse declínio repercutiu diretamente na paisagem local: a fábrica deixou de ditar os ritmos da vida urbana e muitos de seus espaços tornaram-se uma rugosidade marcada na paisagem.

O bairro como um lugar de memória operária carrega histórias e marcas que são caracterizadas de diversas formas, como um lugar de luta, lugar de moradia, lugar de trabalho e lugar da vida cotidiana, assim, o bairro se apresenta como um território em que a memória operária se materializa em diferentes dimensões (Scifoni, 2013), porém conforme aborda a autora, “os lugares de memória operária seriam como ruínas, que resistem ao poder destruidor dos interesses do mercado” (Scifoni, 2013, p. 109), como a antiga Sede do Clube Social que se encontra hoje em estado profundo de abandono, apesar de seu papel central na sociabilidade operária.

O reconhecimento institucional dessa memória operária se consolidou em 2012, com o tombamento de partes da planta fabril da Nitro Química pelo CONPRES. Essa decisão atribuiu valor simbólico, histórico e cultural ao complexo industrial, convertendo-o oficialmente em patrimônio da cidade de São Paulo. O tombamento, embora parcial, evidenciou a importância da fábrica como testemunho do processo de industrialização da Zona Leste e como referência identitária para a população do bairro. Foram tombados os seguintes elementos do conjunto fabril: (1) a primeira chaminé de caldeira; (2) a segunda chaminé de caldeira; (3) a segunda casa de força; (4) a antiga portaria principal e o antigo refeitório, localizados em frente à ferrovia; e (5) a chaminé de emissão de efluentes. A justificativa oficial destacou a relevância histórica desses elementos para o crescimento urbano e para a formação do bairro de São Miguel Paulista (Darviche, 2022).

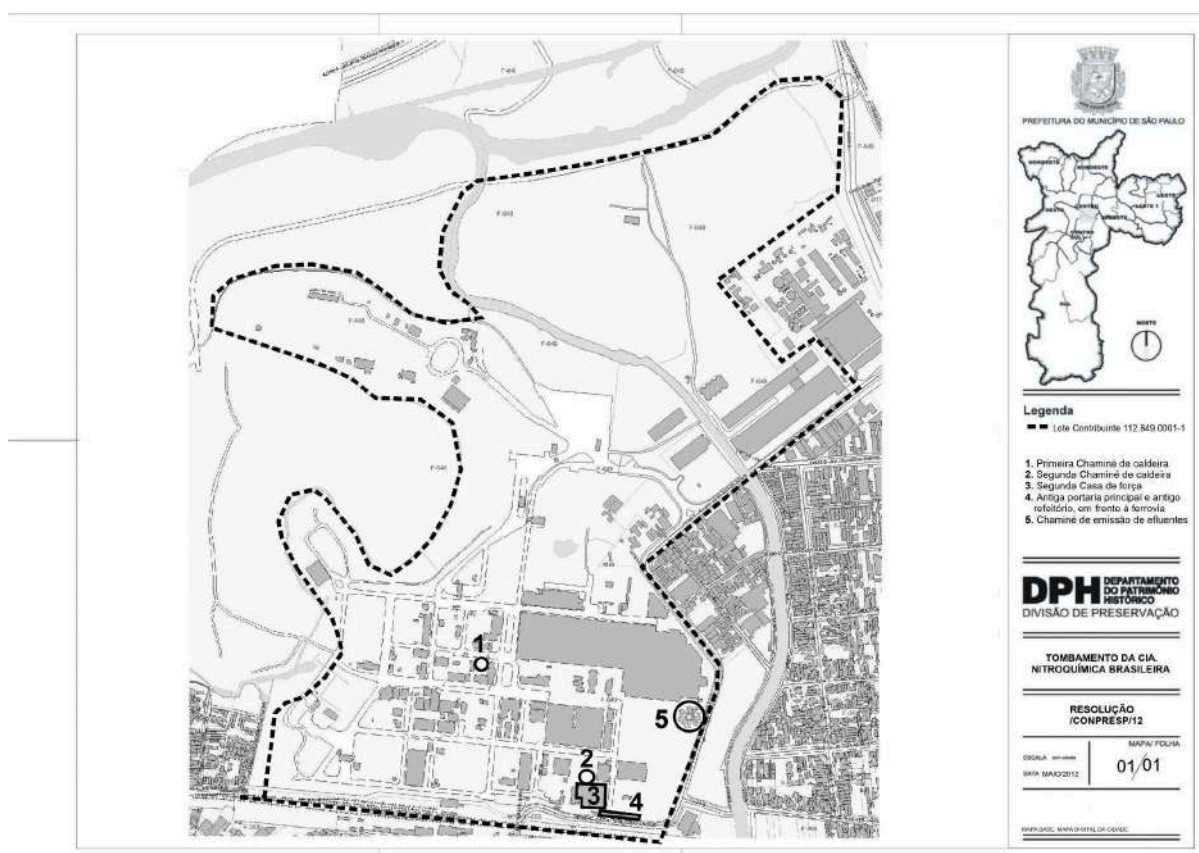


Figura 13: Mapa de bens tombados da Nitro Química.

Fonte: CONPRES, Resolução 10/12, 2012. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpres/legislacao/resolucoes/index.php?p=1137>.

Ainda assim, o processo de tombamento foi longo e não abrangeu a totalidade das estruturas relevantes, como o antigo Clube Social da Nitro Química. A memória do trabalho e da vida operária, portanto, persiste na paisagem fragmentada de São Miguel, não apenas como nostalgia, mas como parte do direito à memória e à cidade.

4. TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM A PARTIR DA RESTRUTURAÇÃO DA FÁBRICA

A transformação da paisagem no bairro que está sendo analisado neste trabalho relaciona-se a uma mudança que foi diretamente manifestada no espaço, orientada por modificações na estrutura produtiva da fábrica. Portanto, torna-se necessário correlacionar a reestruturação industrial e econômica que impactou diretamente a produção de raiom na Companhia Nitro Química Brasileira, e consequentemente na paisagem do bairro de São Miguel Paulista.

A partir da década de 1970, a cidade de São Paulo passou por profundas transformações em sua base industrial e urbana, marcando o início de um processo que viria a ser conhecido como reestruturação urbano-industrial (Lencioni, 1991) e como reestruturação econômica dos anos 1990 (Dezen-Kempter, 2012). Isso correspondeu a uma reorganização complexa da produção industrial, que encontrou uma certa estagnação econômica nacional e foi orientada a realização de uma nova reorganização da fábrica por exigências do capital, como a modernização das fábricas, avanço tecnológico e uma crescente articulação com o mercado global associada às crises do petróleo e à intensificação da financeirização da economia. A abertura da economia nos anos 1990, promovida pelo governo Collor, após a redemocratização, foi um fator determinante para esse processo, ao criar uma competição de bens importados e forçar as empresas a se modernizarem, conforme apresentado por Dezen-Kempter (2012). A crise do modelo que estava implementado na indústria de base no Brasil, conjuntamente com a saturação das áreas industriais tradicionais, gerou uma mudança na lógica produtiva e na configuração espacial da metrópole.

As empresas tradicionais que não conseguiram se adaptar a essas novas exigências, foram fechadas, especialmente em setores tradicionais como o têxtil, o couro e os calçados (Dezen-Kempter, 2012), gerando um processo de desindustrialização na região metropolitana de São Paulo, que se manifestou na redução da participação da indústria no emprego e na produção, mas que não deve ser compreendido como um colapso absoluto. Como aponta José (2011), a desindustrialização em São Paulo foi um movimento gradual, diretamente conectado

à reestruturação urbano-industrial descrita por Lencioni. Esse processo envolveu a desconcentração territorial da indústria, com a migração de plantas produtivas da capital para cidades médias do interior e também pela retração de setores produtivos tradicionais, que perderam competitividade no novo cenário global.

As mudanças na dinâmica da produção e do território industrial foram acompanhadas por uma reorientação política e econômica do Estado brasileiro, a abertura da economia promovida nos anos 1990, especialmente sob o governo Collor foi um fator decisivo para esse processo, ao intensificar a concorrência com bens importados e forçar a indústria nacional a se adaptar rapidamente a padrões produtivos globais. A metrópole paulistana, outrora polo dinâmico da indústria nacional, passou a expressar as marcas de um novo padrão produtivo, gerando implicações diretas na paisagem urbana e na vida das populações trabalhadoras que dependiam dessas estruturas industriais. Assim, a desindustrialização em São Paulo não se explica apenas por uma crise setorial, mas por um redesenho estrutural do território produtivo, resultado das transformações do capitalismo contemporâneo e das políticas econômicas adotadas no período. Nesse contexto, durante a década de 1990, os efeitos da abertura econômica e da reestruturação produtiva impactaram profundamente a estrutura da Nitro Química e a vida de seus trabalhadores. Em entrevista realizada com um antigo morador do bairro e ex-funcionário da empresa, que atuou como chefe de seção da produção do fio raiom viscose por 8 anos, foi possível compreender de forma mais sensível os efeitos desse processo. Ele relata:

Com a abertura econômica a partir do início dos anos 90 o fio de rayon viscose como outros produtos brasileiros passaram a sofrer grande concorrência externa e ainda com os problemas de ser uma produção poluente, a empresa na tentativa de reduzir o custo de produção para não perder o mercado externo fez várias reestruturações visando a redução de custo para tornar-se competitivo, porém não conseguiu, até que no final da década de 90 resolveu encerrar a produção do fio de rayon viscose, sendo que a mão-de-obra foi realizada paulatinamente ao longo da década.

Ainda segundo o entrevistado, as demissões ocorreram de forma gradual, como chefe de seção, ele foi responsável por comunicar parte dos desligamentos de colegas de trabalho, o que o deixou constrangido, levando-se a antecipar sua própria saída. Esse depoimento evidencia como a reestruturação afetou a

organização da fábrica, como também os vínculos afetivos e as relações de pertencimento no interior do ambiente de trabalho.

Esse processo de reestruturação alterou profundamente a forma como a empresa se relacionava com os trabalhadores e com o bairro. A Nitro Química, que até então mantinha uma série de equipamentos assistenciais, como apresentado no capítulo anterior, passou a adotar formas reduzidas de produção e da intensificação da terceirização; os auxílios diretos à comunidade perderam espaço na política empresarial, conforme afirma

a Nitro Química adotou modos de produção mais enxutos, investindo em setores que se tornaram mais produtivos, como a indústria cosmética e produção de compostos químicos. Alterou a forma como se relacionou com os funcionários, pois com a terceirização do trabalho, os auxílios aos trabalhadores passaram a ser conferidos em forma de pagamento e seguro saúde, por exemplo, fazendo com que os antigos equipamentos assistenciais perdessem sua função. Por isto, foram paulatinamente desativados (Tonaki, 2013). (Darviche 2022, p. 135)

Embora, apesar desses equipamentos terem sido desativados, ainda permanecem na memória dos moradores do bairro e daqueles que puderam vivenciá-los; o prédio da Sede do antigo Clube Social permanece como uma rugosidade na paisagem, em profundo estado de abandono, como é possível verificar na foto abaixo. O entrevistado também relata a importância desses equipamentos em sua memória, enquanto estavam em funcionamento,

os bailes no antigo Clube eram realizados aos domingos e durante as festas de carnaval, sendo abertos a sócios e não sócios, funcionando como uma área de encontro para todos do bairro e não só para os trabalhadores que estavam associados ao clube. O clube recreativo Regatas Nitro Química contava com piscinas, quadras esportivas e infraestrutura para piqueniques, servindo como espaço de integração para todos.

Essas estruturas revelam o modo como a Nitro Química integrava o cotidiano dos moradores, criando um ambiente articulado entre trabalho, lazer, assistência e moradia. No entanto, com o avanço do processo de reestruturação e o fim das atividades assistenciais na década de 1990, essa relação começou a se desfazer. Como observa Darviche (2022, p. 161):

Mas, quando essa atuação foi reduzida e finalizada na década de 1990, a relação de trabalho, lazer, assistência e moradia, responsável por criar a identidade e pertencimento àquele território foi colocada em questão.

O desaparecimento desses equipamentos deixou marcas na paisagem urbana e na memória coletiva. Muitos edifícios foram demolidos e/ou abandonados, apagando ou obscurecendo vestígios físicos de uma sociabilidade operária que estruturou o bairro por décadas. Essa transformação contribuiu para o enfraquecimento de uma identidade coletiva atrelada ao mundo do trabalho fabril, alterando profundamente o tecido social e urbano de São Miguel Paulista. Scifoni também alega sobre esse processo mas no caso do ABC Paulista:

A semente de uma identidade operária estava assim constituída e hoje se manifesta-se em lugares que estão desaparecendo na paisagem urbana em função de processos de valorização do espaço; perdem-se as vilas operárias, importantes galpões industriais, sedes das associações operárias, de antigos clubes esportivos. (Scifoni, 2017, p.106)

Nesse sentido, o direito à memória urbana, enquanto reconhecimento da história dos trabalhadores e dos espaços que forjaram sua vida cotidiana, se apresenta como uma ferramenta fundamental para compreender os efeitos do declínio industrial e do processo de reestruturação produtiva sobre o espaço urbano, como é demarcado na paisagem urbana, visível nas imagens abaixo em São Miguel Paulista.



Figura 14: Antiga portaria.

Fonte: São Miguel Blogspot <<https://saomiguelpaulista.blogspot.com/>>



Figura 15: Antiga portaria, agora fechada por muros, 2025.

Fonte: Autoria própria.



Figura 16: Antiga portaria do Clube Social.

Fonte: São Miguel Blogspot <<https://saomiguelpaulista.blogspot.com/>>.



Figura 17: Piscina do clube.

Fonte: São Miguel Blogspot <<https://saomiguelpaulista.blogspot.com/>>.



Figura 18: Antiga Sede do Clube Social.

Fonte: São Miguel Blogspot <<https://saomiguelpaulista.blogspot.com/>>.



Figura 19: Antiga Sede do Clube Social, agora em profundo abandono, 2025.

Fonte: Autoria própria.

Essa memória está presente na paisagem, e tombada, como apresentado nos capítulos anteriores. No bairro há dois equipamentos que foram tombados, a Capela de 1622, que remonta a presença do período de colonização no Brasil, e alguns elementos da Nitro, para representar o seu passado industrial e importância no desenvolvimento do bairro. A relação estabelecida entre os dois, onde um representa a memória do período colonial, enquanto outro preserva alguns resquícios da pujante industrialização vida operária que caracterizam, revela contradições do processo de patrimonialização no contexto periférico, de modo que o reconhecimento do valor histórico dos bens não é automático, mas atravessado por disputas políticas e territoriais (Darviche, 2022).

A tentativa de patrimonialização da fábrica Nitro Química revela as tensões da preservação da memória operária, que permeia a paisagem de São Miguel Paulista. O tombamento parcial da Nitro foi resultado de um processo conturbado, que explicitou a dificuldade de reconhecer como patrimônio elementos urbanos e industriais periféricos ainda em funcionamento. Como detalha Yasmin Darviche (2022), o processo de tombamento foi marcado por contradições e disputas políticas, e o fato de a Nitro seguir em operação no setor químico, mesmo após o fim da parte têxtil, suscitou interpretações sobre o que deveria ser protegido dentro e fora do perímetro industrial. Além disso, essa restrição e fragmentação do tombamento revela o receio das instâncias oficiais em comprometer interesses empresariais, coincidindo com um momento estratégico da trajetória empresarial da Nitro Química: em 2011 a empresa foi vendida pelo Grupo Votorantim ao fundo de investimentos Faro Capital. A limitação do tombamento a poucos elementos se alinha diretamente aos interesses dos proprietários em tornar o ativo industrial mais atrativo ao mercado, reduzindo os riscos legais e operacionais que um tombamento integral representaria.

Nesse sentido, o que ficou desses períodos na paisagem pode ser interpretado como uma forma de rugosidade urbana, no sentido proposto por Milton Santos (1996). Essas estruturas, embora não estejam mais nas suas funções originais e integradas a uma lógica de valorização do capital e controle da memória, ainda carregam materialmente as marcas do passado no bairro e correlacionam-se por serem um acúmulo de processos manifestados na paisagem. São fragmentos que

resistem ao apagamento completo, mas que não garantem a continuidade da memória coletiva.

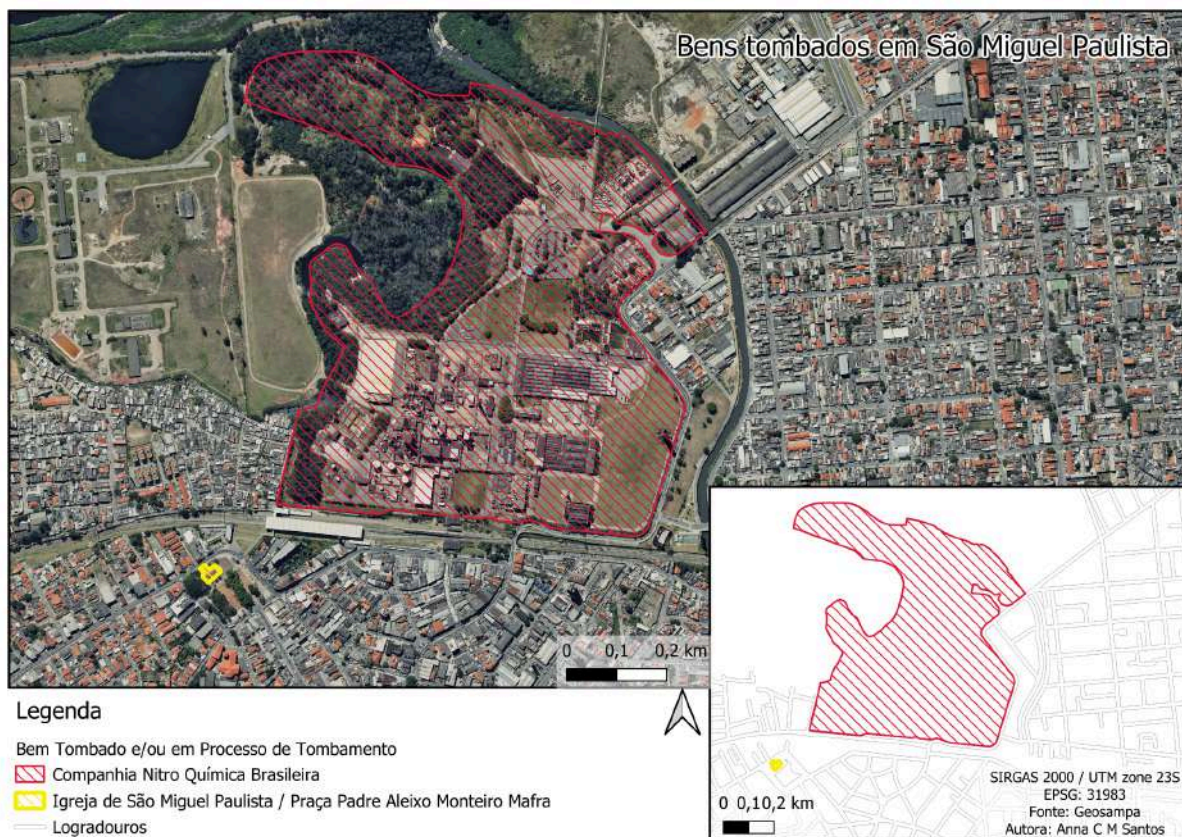


Figura 20: Bens tombados em São Miguel Paulista.

Fonte: Autoria própria.

Embora a Nitro tenha passado por um processo de declínio industrial a partir dos anos 1990, com o encerramento da produção de raio da indústria têxtil, não podemos afirmar que ocorreu uma desindustrialização completa, mesmo que os efeitos desse processo sejam encontrados no bairro. A empresa passou por um momento de declínio industrial, que se insere no contexto mais amplo de abertura econômica, concorrência internacional e reestruturação urbano-industrial no Brasil. Como demonstra Oba (2023), a partir de 2012, com a aquisição da empresa pelo grupo Faro, a Nitro Química iniciou uma nova fase de reestruturação e inovação, com uma nova gestão corporativa, voltada para resultados e eficiência, a empresa foi saneada financeiramente, expandiu suas operações para mais de 70 países,

diversificou suas atividades na área química e agro, implementou programas estratégicos de inovação, transformando-se em uma fornecedora global de insumos para cosméticos, tintas industriais e embalagens (Oba, 2023). Portanto, a Nitro não desapareceu enquanto agente produtivo daquele espaço, ao reconfigurar sua atuação adaptando-se às exigências de um novo mercado globalizado, mas desapareceu em outras formas, principalmente em uma dimensão assistencialista, que gerava uma completude no bairro, à vida comunitária e outros tantos feitos como já foram listados nesse trabalho, deixando de se caracterizar como uma indústria motriz ao manifestar efeitos de desindustrialização no bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender o papel da Companhia Nitro Química Brasileira na constituição e transformação da paisagem de São Miguel Paulista, bairro situado no extremo leste da cidade de São Paulo. A análise partiu de uma perspectiva histórico-geográfica, analisando os agentes no espaço e permitindo articular processos econômicos e sociais, compreendendo que o espaço é múltiplo e que a paisagem urbana carrega as marcas materiais e históricas desses processos.

Desde a década de 1930, a implementação da Nitro Química em São Miguel Paulista representou a mudança e reconfiguração do território, alinhada ao processo econômico mais amplo, consolidando-o como um bairro operário e transformando-o em um polo de atração de migrantes, especialmente nordestinos, que vieram em busca de trabalho e melhores condições de vida. Nesse sentido, pode-se compreender a fábrica à luz do conceito de polo de desenvolvimento formulado por Perroux (1977), no qual determinadas unidades produtivas, dotadas de alta capacidade de dinamizar a economia, exercem influência sobre seu entorno e reconfiguram o espaço segundo uma lógica de crescimento integrado à economia nacional. Como discutido por Fontes (2010), esses trabalhadores construíram uma identidade coletiva associada ao trabalho na fábrica, à solidariedade entre a vizinhança e à vida de bairro, elementos que permaneceram na memória da região.

A fábrica, ao adotar um modelo assistencialista, fornecia um polo de encontro e de sociabilidade, com moradias por meio das vilas operárias, estruturando comércio local e oferecendo serviços e atividades recreativas, criando uma relação de forte dependência econômica e social no bairro. Essa configuração fez com que a paisagem de São Miguel Paulista fosse organizada e hierarquizada em função do espaço fabril, como apontado por Seabra (1987) ao discutir a relação entre urbanização e fragmentação.

Contudo, como apresentado, esse modelo começou a sofrer transformações profundas a partir da década de 90, o contexto de abertura econômica gerando uma reestruturação produtiva e mudanças nas cadeias de produção que impactou diretamente a fábrica e, consequentemente, o bairro. Seguindo as análises de Dezen-Kempter (2011), é possível compreender esse momento como uma etapa de

reconfiguração do patrimônio industrial, na qual o espaço fabril, antes centro dinâmico de produção e vida comunitária, passa a ser ressignificado tanto em seu uso quanto em sua presença na paisagem. A leitura de Darviche (2022) complementa essa interpretação ao mostrar como o patrimônio industrial, quando submetido a processos de desativação parcial ou mudança de função, adquire um caráter ambíguo, permanecendo como marca física e simbólica, mas ao mesmo tempo carrega ausências e lacunas na memória social. No caso da Nitro Química, esse processo não significou uma desindustrialização completa, porque ainda continua operando no espaço, mas um declínio industrial seguido por uma reestruturação profunda, como argumenta Oba (2023). A empresa reduziu sua presença no setor têxtil e reorientou sua produção para segmentos mais especializados da indústria química, permanecendo ativa e integrada às dinâmicas econômicas contemporâneas, ainda que com menor impacto direto sobre o emprego local.

Essa distinção é fundamental. Ao contrário de outros casos em que a desindustrialização levou ao completo abandono de áreas industriais, em São Miguel Paulista o que se observa é a permanência de uma atividade produtiva que foi transformada, diminuindo o seu papel na sociedade local. Essa mudança, entretanto, gerou impactos significativos para os moradores do bairro e trabalhadores da fábrica, ao romper com a rede de benefícios e serviços antes oferecidos pela fábrica, afetando a relação entre os moradores.

A paisagem urbana também foi influenciada por esse processo. As vilas operárias e o entorno da fábrica, antes fortemente articulados em função da lógica fabril, passaram a conviver com novas dinâmicas econômicas e sociais. Parte dos antigos imóveis industriais foi adaptada, outras áreas permaneceram ociosas, criando espaços de tensão entre memória e abandono. Aqui, o conceito de rugosidade discutido por Santos (1996) é especialmente pertinente para esse estudo de caso, com as marcas materiais do passado industrial persistindo no espaço, mesmo quando suas funções originais já não existem, influenciando a forma como o bairro é percebido e vivido por seus moradores. A permanência física e simbólica da Nitro Química reforça a ideia de que a fábrica continua sendo um elemento estruturador da identidade territorial de São Miguel Paulista, segue sendo presente como

referência espacial, como ponto de memória coletiva e como símbolo de um período em que o bairro se constituiu em torno do trabalho fabril.

Ao retomar a trajetória histórica de São Miguel Paulista, este trabalho contribui para a compreensão de como processos de industrialização, migração e reestruturação produtiva se articulam na produção do espaço urbano. A partir do estudo da Nitro Química, foi possível identificar que o bairro é resultado de camadas sucessivas de transformações. Assim, a importância da Nitro Química é fundamental para a história do bairro, ao representar a história de um território operário, as lutas e solidariedades construídas ao longo de décadas, bem como as mudanças que desafiam a manutenção dessa identidade. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de olhar para o patrimônio industrial não apenas como objeto de preservação física, mas como elemento vivo da memória e da paisagem, capaz de contribuir para reflexões mais amplas sobre desigualdade, periferia e desenvolvimento urbano.

Portanto, mais do que um estudo sobre uma fábrica, esta pesquisa é um exercício de análise de uma mudança da paisagem a partir da instalação de equipamento fabril em um bairro periférico, no qual o papel da Nitro Química em São Miguel Paulista expõe questões que extrapolam o bairro, permitindo pensar as transformações urbanas de São Paulo e os desafios de se preservar e ressignificar a memória operária em um contexto de constante reestruturação econômica e, portanto, espacial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, Aurelino. Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro. *Fundação Tide Setúbal*, 14 de setembro de 2006. Disponível em: <<https://www.centrodememoriaurbana.org/documento/3724>>. Acesso em: jul. 2025.

ANDRADE, Margarida Maria de. Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 1991. doi:10.11606/T.8.1991.tde-13052022-091825.

AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Nacional, 1958.

_____. *Subúrbios orientais de São Paulo*. São Paulo: USP, 1945.

BONTEMPI, Silvio. *O bairro de São Miguel Paulista: a aldeia de São Miguel de Ururá na história de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1970.

BORSA, André. *Territórios urbanos, usos do passado e patrimônio industrial: o caso do complexo Matarazzo em São Paulo*. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19102011-130658/publico/2010_AndreBorsaJose.pdf. Acesso em: jul. 2025.

DARVICHE, Yasmin. O trabalho em memória: ausências e resistências nas políticas do patrimônio cultural em São Paulo. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11112022-153942/>. Acesso em: jul. 2025.

DEZEN-KEMPTER, Eloisa. O lugar do patrimônio industrial. 2011. 329 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1614661.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 39, n. 1, p. 19–36, jan. 2020.

DPH-SP. Relatório técnico de tombamento: São Miguel Paulista. Disponível em: https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/RE0591TombamentoExofficioTEOPD_F_1417102444.pdf. Acesso em: jul. 2025.

ENTREVISTADO 1. Ex-funcionário da Nitro Química e morador de São Miguel Paulista. [Entrevista concedida a Anna Clara de Melo Santos]. São Paulo, 15 jun. 2025.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966). 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280752>.

_____. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945–1966). Rio de Janeiro: FGV, 2010.

J.R. LANGENBUCH. A estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana, Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo, a indústria têxtil. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

MARCONDES, Ricardo Correia. Seduzidos pelo progresso: ideologia, cotidiano e poder: a Nitro Química em São Miguel Paulista (1953-1957). São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13171/1/Ricardo%20Correia%20Marcondes.pdf>.

MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. 1976. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 50, p. 83–102, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1123>.

MATTE JÚNIOR, Alexandre Aloys; ALVES, Darlã de. A teoria dos polos de crescimento de Perroux: uma revisão sistemática. *Revista de Administração da Região Amazônica – RARA*, Porto Velho, v. 13, n. 2, p. 78–95, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/rara/article/view/2072>.

OBA, Anderson Yutaka. Inovação em empresas familiares brasileiras: o caso da Nitro Química. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Empreendedorismo) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PAULA, Rafael Faleiros. Patrimônio industrial e projeto urbano: entre o plano e a memória. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-31012008-104129/publico/DISERTACAO_RAFAEL_FALEIROS_PAULA.pdf.

PATATIVA DO ASSARÉ. Triste partida. *Letras.mus.br*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/patativa-do-assare/1072884/>. Acesso em: jul. 2025.

PERROUX, François. O conceito de pólo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jacques (org.). *Economia regional*. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977.

PETRONE, Pasquale. As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 11, p. 9–29, jun. 1953.

_____. A cidade de São Paulo no século XX: São Paulo transforma-se em metrópole industrial. *Revista de História*, ano VI, n. 21/22, jan.-jul. 1955.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1997.

RODRIGUES DE ALMEIDA, Rodolfo. O antigo aldeamento de São Miguel de Ururá em São Paulo Colonial: conflitos, resistência e trocas culturais. *Faces da História*, v. 7, n. 1, p. 141–166, 2020. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1591>. Acesso em: jul. 2025.

RUIZ, Andreilissa. O Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista e a produção simbólica na cidade. PROMUSPP, 2021.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCIFONI, Simone. Lugares de memória operária na metrópole paulista. GEOUSP Espaço e Tempo (Online) 17.1 (2013): 98-110.

SEABRA, Odette. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. Urbanização e industrialização: rios de São Paulo. Labor & Engenho, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 37–48, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/2092>. Acesso: jun. 2025.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. População Município São Paulo. Disponível em: <https://populacao.seade.gov.br/populacao-msp/>. Acesso em: jun. 2025.

SOUZA, Nali de Jesus de. Teoria dos pólos, regiões inteligentes e sistemas regionais de inovação. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre: PUCRS, v. 30, n. 1, p. 45–58, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/face/article/view/266>. Acesso em: jul. 2025.

_____. Desenvolvimento polarizado e desequilíbrios regionais no Brasil. Análise Econômica. Porto Alegre: UFRGS, ano 11, n. 19, p. 29-59, mar. 1993.